

AS ESTRUTURAS FORTIFICADAS DE DIU

NUNO MIGUEL DE PINHO LOPES

DISSERTAÇÃO | CURSO DE ARQUITECTURA MESTRADO INTEGRADO

ORIENTAÇÃO: JOÃO BARROS MATOS, ARQUITECTO

CO-ORIENTAÇÃO: JOÃO SERRA DE MAGALHÃES ROCHA, PROFESSOR ARQUITECTO

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA, ABRIL DE 2010

AGRADECIMENTOS

Para a realização desta dissertação foi fundamental o apoio de várias pessoas, às quais deixo o meu sincero agradecimento:

Ao Arquitecto João Barros Matos, meu orientador, que desde o primeiro dia revelou a maior disponibilidade física e intelectual para acompanhar o desenvolvimento desta dissertação, entusiasmando-me e instruindo-me o melhor que soube, de forma a produzir um estudo com uma metodologia e objectivos claros.

Ao Professor Arquitecto João Serra de Magalhães Rocha, meu co-orientador, pela disponibilidade que me dispensou em vários momentos do meu estudo, contribuindo para a qualidade que este possa ter atingido.

Ao Professor Arquitecto Helder Carita, pela enorme vontade de me ajudar a produzir um estudo interessante, passando alguma da sua experiência pela Índia, fornecendo dados de interesse relevante e aconselhando a cada momento entidades às quais me deveria dirigir para ampliação de conhecimentos acerca do meu tema.

Ao Arquitecto Nuno Grancho que me pôde testemunhar alguma da sua experiência do local, assim como fornecer preciosa informação utilizada na elaboração do seu trabalho de final de curso, lançando soluções para dúvidas que se foram levantando em várias fases da minha investigação.

Aos Professores Walter Rossa e Paulo Varela Gomes, assim como ao Arquitecto Sidh Mendiratta, os quais me premiaram com trocas de ideias já em fase adiantada do meu estudo.

Aos Professores Pedro Cid e Alicia Cámara Muñoz, pelo apoio intelectual que prestaram em fase avançada do meu estudo.

Ao CHAIA (Centro de História da Arte e Investigação Artística), pelo apoio financeiro para deslocação ao local de estudo, dentro do Projecto *Cultura Arquitectónica e de Paisagem no Espaço de Mediterrâneo e Índia*.

Aos meus pais.

À Ana Pinho.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. O CONTEXTO HISTÓRICO	
1.1. Situação estratégica	6
1.2. A muralha da cidade	12
1.3. A fortaleza de São Tomé e o Panikotha	16
2. DESCRIÇÃO FUNCIONAL E MORFOLÓGICA DO CONJUNTO FORTIFICADO	
2.1. Representações antigas - interpretação	19
"Tauoa de Dio", 1538-1541	
Desenho de Gaspar Correia, 1540	
Desenho de Pedro Barreto de Resende, 1634	
"Planta da Fortaleza e Cidade de Diu", 1783	
"Planta do Cast ^o , Praça e Cidade de Dio", 1833	
2.2. A muralha da cidade – descrição e interpretação	27
2.3. A Fortaleza de São Tomé – descrição e análise morfológica	30
2.4. Levantamento gráfico	45
CONCLUSÃO	66
LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS	68
ÍNDICE DE DESENHOS	70
ÍNDICE DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS	72
CRONOLOGIA	76
EPIGRAFIA	79
BIBLIOGRAFIA	84
ENTIDADES E BIBLIOTECAS CONSULTADAS	87

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO

O projecto de D. João II, tinha como objectivo o caminho marítimo que possibilitasse as trocas comerciais com a Ásia, numa tentativa de monopolizar o comércio das especiarias. Deu-se o início do Império português do Oriente, com a expansão de rotas comerciais para além dos negócios existentes no Norte de África e Guiné. O domínio dos Otomanos limitou as trocas comerciais de Veneza e Génova, permitindo aos portugueses estabelecer uma rota marítima praticamente limitada aos perigos do mar e na qual iria ligar directamente as regiões produtoras de especiarias aos seus mercados na Europa; os Otomanos viriam a ser os grandes adversários no mediterrâneo e mar vermelho. Já no reinado de D. Manuel e com Vasco da Gama na liderança da armada portuguesa, iniciou-se a Carreira da Índia (1497-1499). Calecute e Goa foram os primeiros pontos da construção de uma feitoria; o avanço português foi feito de Sul para Norte, estruturando o conjunto de fortalezas e formando uma rede defensiva, coincidente com a rede urbana.

O "Estado da Índia" estendeu-se entre o cabo da Boa Esperança e Golfo Pérsico, no lado mais Ocidental até aos limites do Japão e Timor, do lado mais Oriental. Na faixa Ocidental da Índia concentra-se a principal rede defensiva, formando um sistema com centro em Goa e garantindo a fundação e controlo de cidades e fortalezas como Cochim, principal ponto mais a Sul, Calecute, Cananor, Batacale, Onor, Angediva, Damão, Chaul e Diu, ponto mais a Norte.



IMAGEM 01 - "Breve panorama das fortalezas do Estado da Índia nos séculos XVI e XVII"

GOLFO PÉRSICO

1 Ormuz 2 Curiate 3 Mascate 4 Matara 5 Sibó 6 Borca 7 Soar 8 Corfacão 9 Quelba 10 Mada 11 Libédia 12 Doba 13 Barem 14 Comorão 15 Queixome

ÍNDIA

16 DIU 17 Damão 18 São Gens 19 Danu 20 Serra de Asserim 21 trapor 22 Sirgão 23 Maim 24 Agaçaim 25 Manorá 26 Baçaim 27 tana 28 Bombaim 29 Garanjá 30 Chaúl 31 Reis Magos 32 Aguada 33 Mormugão 34 rachol 35 Angediva 36 Onor 37 Barçalor 38 Cambolim 39 Mangalor 40 Cananor 41 Calecute 42 Chalé 43 Cranganor 44 Cochim 45 Coulão 46 São Tomé de Meliapor 47 Jafanapatão 48 Manar 49 Negumbo 50 Columbo 51 Caliture 52 Gale 53 Batecalou 54 Triquinimale

ESTADO DA ARTE

Entre os estudos e obras mais significativas, será importante destacar alguns dos primeiros registos históricos existentes: a obra "*Lendas da Índia*" de Gaspar Correia (1495-1561), na qual são apresentadas descrições e gravuras da sua experiência por Diu e outras partes da Índia; a gravura de Diu, integrada nesta obra, merece particular análise ao longo deste estudo. Os contemporâneos João de Barros (1496-1570), Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559) e Lopo de Sousa Coutinho (1515-1577), foram também importantes testemunhas do período áureo de Diu. De João de Barros, deverá ser dado destaque à obra "*Da Asia de Joao de Barros e de Diogo do Couto: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do oriente*"; de Fernão Lopes de Castanheda, o destaque vai para a obra "*História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*"; e de Lopo de Sousa Coutinho, o seu principal contributo está apresentado em "*História do cerco de Diu*". Manuel de Faria e Sousa (1590-1659) apresenta, anos mais tarde, a obra "*Ásia Portuguesa*", apoiando-se em descrições e análises de testemunhos históricos.

Em relação às representações de Diu (por vezes apresentadas em conjunto com descrições das mesmas) destacam-se: "Tauoa de Dio", realizado por D. João de Castro (1538-1541), o primeiro exemplar hoje conhecido; a representação da fortaleza de Diu de Gaspar Correia (1540); o desenho de Pedro Barreto de Resende (1634) apresentado na obra de António Bocarro (1635); a "Planta da Fortaleza e Cidade de Diu", realizada pelo Capitão Engenheiro António Sarmiento (1783); a "Planta do Cast^o, praça e cidade de Dio", realizada pelo Capitão de Infantaria José Aniceto da Silva (1833) e copiado pelo Aspirante a engenheiro Construtor José Nicoláo Rodrigues (1840).

Relativamente a estudos mais recentes, deverá ser dado destaque a autores como: Charles Ralph Boxer (1904-2000), com as obras "*Império Marítimo Português - 1415-1825*" e "*A Índia Portuguesa em Meados do Séc. XVII*"; Luís de Albuquerque (1917-1992), com descrições e interpretações, baseadas em testemunhos históricos, apresentadas na obra "*Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*".

Dos estudos actuais, destacam-se: John Bury, com as obras "*Francisco de Holanda: a little known source for the history of fortification in the sixteenth century*" e "*The Italian contribution to sixteenth-century Portuguese architecture, military and civil, Cultural links between Portugal and Italy in the Renaissance*", assim como o artigo "*Benedetto de Ravenna (c. 1485-1556). A Architectura Militar na Expansão portuguesa*"; Rafael Moreira, com os principais estudos apresentados na obra "*História das Fortificações Portuguesas no Mundo*" e no artigo "*A Fortaleza de Diu e a Architectura Militar no Índico*"; Walter Rossa, do qual se destaca "*Cidades Indo-Portuguesas - Contribuição para o estudo do urbanismo português no Hundistão Ocidental*"; Nuno Grancho, com "*Diu: a ilha, a muralha, a fortaleza e as cidades*", um estudo descritivo, interpretativo e analítico, realizado como trabalho final de curso. Não sendo as únicas, estas serão as principais contribuições no presente estudo, complementadas pelos estudos e obras apresentados na bibliografia.

OBJECTO | OBJECTIVO

A ilha de Diu, na costa Sul da península de Katia-var, sob a entrada do golfo de Cambaia, ocupava uma importante posição geográfica, entre dois mundos comerciais, as rotas para o Golfo Pérsico e para a Índia Ocidental. Apresentava-se ainda como o vértice duma rede defensiva com centro em Goa, constituindo um importante ponto na expansão e instalação portuguesa no Oriente (*ver imagem 01*). As estruturas fortificadas de Diu, objecto de estudo, correspondem à muralha que contornava a cidade (mantendo-se actualmente a frente Poente), à Fortaleza de São Tomé, e ao Fortim do Mar, também chamado de Panikotha. É dada particular atenção dada à Fortaleza de São Tomé, significativo exemplar de arquitectura militar do Alto Renascimento no Oriente e símbolo do período áureo português no mundo. Associando esta importância à pouca informação disponível relativamente à interpretação das estruturas existentes, tornou-se decisivo para a investigação (enquanto objectivo), desenvolver o conhecimento sobre as estruturas fortificadas, procedendo à interpretação e análise morfológica, levantamentos gráficos e fotográficos.

METODOLOGIA

Como principais procedimentos na elaboração do estudo, destacamos: a visita realizada ao local, na companhia do meu orientador, onde se realizaram um levantamento fotográfico e levantamentos gráficos pontuais; a consulta e recolha de informação em bibliotecas e arquivos de Portugal, permitindo o cruzamento de informação histórica com a interpretação das estruturas existentes.

A investigação estrutura-se em dois capítulos: o Contexto Histórico e a Descrição Funcional e Morfológica do Conjunto Fortificado. O primeiro capítulo, aborda a situação estratégica de Diu e os contextos históricos - antes e durante a presença portuguesa - relativos à muralha da cidade, Fortaleza de São Tomé e Panikotha. O segundo capítulo, começa por apresentar e interpretar as representações antigas mais significativas, para posteriormente serem apresentadas descrições e interpretações da muralha da cidade, Fortaleza de São Tomé e Panikotha; no segundo capítulo, é ainda apresentado o levantamento gráfico realizado no local de estudo. Em anexo são apresentadas a cronologia e a epigrafia, seleccionadas de acordo com a informação imprescindível para complementar, compreender e justificar grande parte da informação apresentada.

FOT
01
02
03



FOT
04
05
06



FOT
07
08
09



FOT
10
11
12



FOT
13
14
15

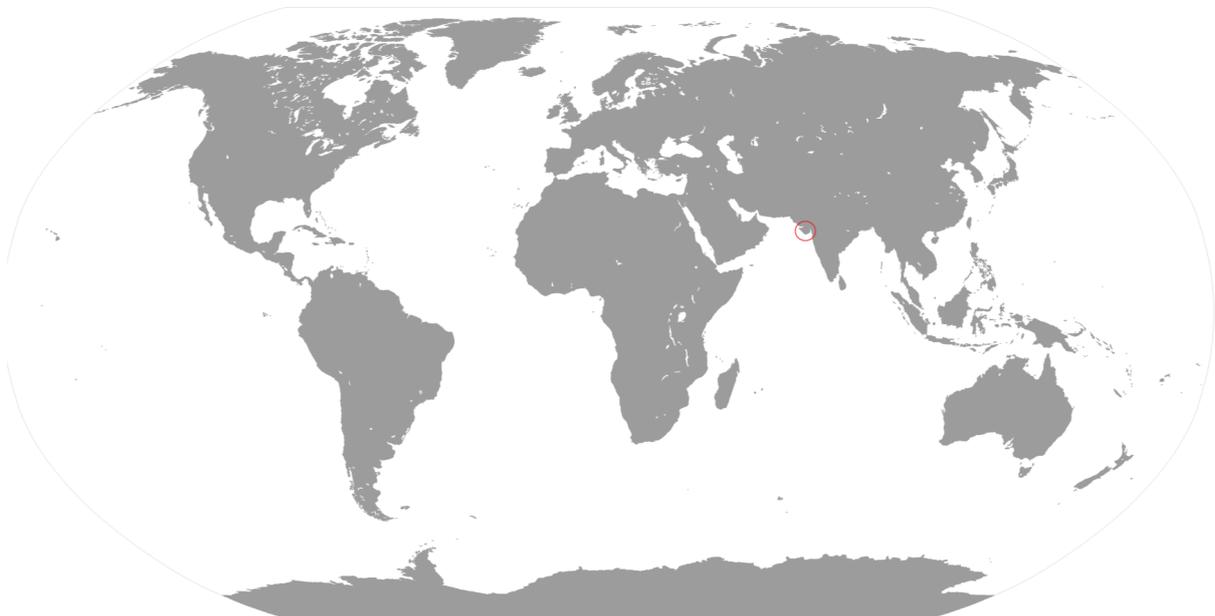


1. O CONTEXTO HISTÓRICO

1.1. SITUAÇÃO ESTRATÉGICA

O território de Diu, na Índia, corresponde a uma ilha na costa Sul da península de Katiavar, Gujarat, sobre a entrada do golfo de Cambaia, separada do continente, a Norte, por um canal (*imagens 03 e 04*). A cidade, localizada no extremo nascente da ilha, é limitada a poente por uma muralha que atravessa a ilha de Norte a Sul (*imagem 05 e DESENHO 1*). A Fortaleza de São Tomé, localizada no extremo nascente da cidade, tem continuidade a Norte, com o Fortim do Mar, no canal (*imagem 06*). No estado português da Índia, o território de Diu inclui, mais tarde, a península de Gogolá, a norte da cidade de Diu, e o território de Simbor, onde ainda existe uma pequena fortificação. A situação geográfica de Diu foi propícia ao seu desenvolvimento, ainda antes de os portugueses se interessarem e garantirem a sua posse.

IMAGEM 02 - Mapa Mundo



“A ilha de Diu era conhecida nos antigos documentos indianos por Dvipah-Patan, tendo sido conquistada por vagas sucessivas de senhores da guerra da antiga Saurashtra. Por volta do século VII, estava em poder de um grupo rajpute. Era uma cidade rica, com um bom porto e grande movimento comercial, servindo de ancoradouro aos piratas do Índico.”¹

Esta zona, Gujarat, na qual se desenvolvia grande parte do comércio inter-regional — nomeadamente a nível dos tecidos — detinha uma posição central nas rotas para o golfo Pérsico, também favorável em relação à rede de pontos de ocupação portuguesa. Com boas características portuárias e defensivas naturais, esta seria uma importante base naval que, em conjunto com Damão, faria o controlo da entrada do Golfo de Cambaia. Na estratégia de D. João III para o Oriente, a conquista da ilha possui particular interesse, de forma a assegurar a supremacia portuguesa em relação ao poder marítimo turco e controlo do comércio no Índico. A situação estratégica de Diu permitiu acções das quais se destacam a batalha de 1509, marcando uma posição portuguesa no Índico² e os cercos de Diu, em 1538 e 1546, ambos com desfecho favorável aos defensores.



IMAGEM 03 - Gujarat, Índia.



IMAGEM 4 - Ilha de Diu

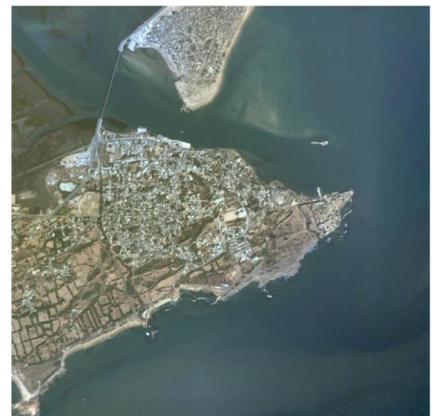


IMAGEM 05 - Cidade de Diu

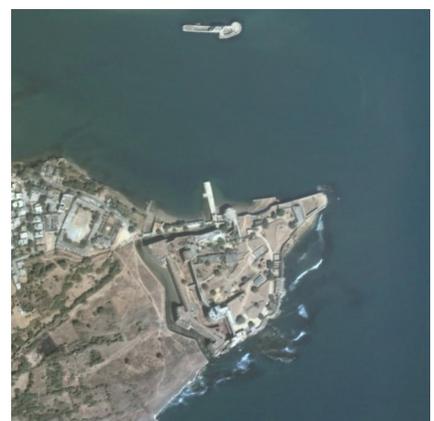


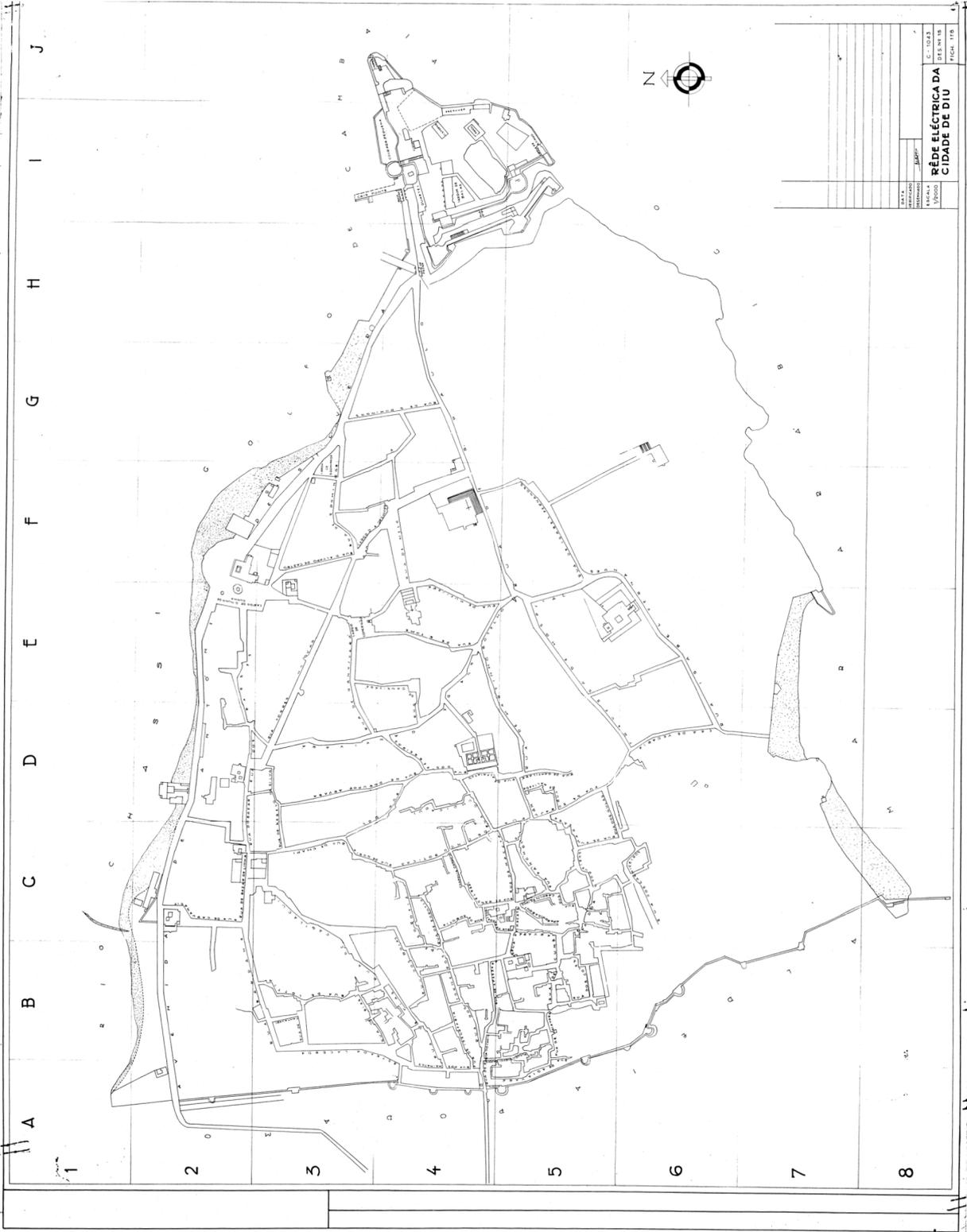
IMAGEM 06 - Fortaleza de Diu

¹ Maria Benedita de Almeida Araújo, *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca*, Lisboa, Quidnovi editora, 2008, p. 126.

² Luís de Albuquerque, in *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 42-43.

DESENHO 01 - "REDE ELÉTRICA DE DIU", 1961

(Realizado pelos últimos portugueses no território de Diu. Desenho original cedido por Nuno Grancho).



*"Em Agosto de 1513, Afonso de Albuquerque, desapontado, dizia que "Diu é coisa fraca, de grande perímetro e população pequena", ainda que "em nenhum outro lugar da Cristandade existia tanta artilharia e toda ela boa"; já Tomé Pires (c. 1515) chama-a "cousa honrada" – embora atribua a sua súbita ascensão aos negócios com os Portugueses –, e Duarte Barbosa (1516) dedica-lhe um inteiro capítulo onde reconhece que "este lugar é o de mor trato que agora se acha em todas as partes; rende tanta soma de dinheiro que é cousa espantosa, por causa das grossas mercadorias que nele carregam e descarregam"."*³

Desde o início da expansão portuguesa que Diu foi ponto importante de conquista para assegurar uma posição no Oriente. Na cidade, governada por Malik Vaz, os portugueses construíram uma feitoria em 1507. Em 1521, ao comando de Diogo Lopes de Sequeira, deslocou-se uma armada a Diu, no entanto, sem sucesso. Em 1529, já falecido Melik Vaz (1522) e com os portugueses sob a liderança de Dom Nuno da Cunha, iniciaram-se negociações com Malik Togan, filho de Malik Vaz, não se mostrando mais acessível que seu pai. Falhadas as negociações, Nuno da Cunha preparou, em Goa, uma armada que rondaria os vinte mil guerreiros, saindo em direcção a Diu.⁴ A cidade tinha recebido reforços e *"apresentava-se tão formidável que parecia inexpugnável, oferecendo um espectáculo de guerra feroz"*.⁵ Os assaltos foram sempre anulados pela defesa, levando Nuno da Cunha a desistir.

³ Rafael Moreira, "A Fortaleza de Diu e a Arquitectura Militar no Índico", in *Os Espaços de um Império – Estudos*, 1 ed., Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, p. 139.

⁴ Maria Benedita de Almeida Araújo, *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca*, Lisboa, Quidnovi, 2008, p. 126-127

⁵ Manuel de Faria e Sousa, in *Ásia Portuguesa*, Vol. II, Porto, Civilização, 1947-1948, p. 196.

Após fracassos a nível militar, os portugueses conseguiram a posse de Diu de forma diplomática, em 1535.⁶ O sultão Badur, após lutas com povos locais e ameaçado pelo Grão-Mogol de Deli, necessitou de apoio, refugiando-se em Diu; desta forma, os portugueses conseguiram iniciar negociações favoráveis à construção da fortaleza: receberam dele a necessária autorização para iniciar as obras, que estariam concluídas no início do ano seguinte (1536)⁷. As circunstâncias eram adversas e o sultão sentiu-se obrigado a dar aquele passo, mas, assim que se sentiu de novo senhor das suas terras, quis expulsar os portugueses e recuperar a posição estratégica que lhes cedera, sem sucesso.

"Tirando partido de uma conjuntural posição de fraqueza do sultão, em 1535 foi concedida autorização para o estabelecimento. Bahadur Shah entrara em conflito aberto com o imperador Moghul e necessitou de aliviar a frente portuguesa. Resolvida essa situação, de imediato e infrutiferamente pôs cerco a Diu. O tratado celebrado em 1539 voltaria a ser posto em causa sete anos depois com um segundo cerco".⁸

⁶ A. Vasconcelos Saldanha, *Justum Imperium. Dos Tratados como Fundamento do Império dos Portugueses no Oriente*, Lisboa, 1997, p. 442

⁷ Maria Benedita de Almeida Araújo, *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca*, Lisboa, Quidnovi, 2008, p. 129-131.

⁸ Walter Rossa, *Cidades-Indo Portuguesas*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 69.

1.2. A MURALHA DA CIDADE

Antes da chegada dos portugueses já a cidade de Diu possuía uma estrutura apoiada numa muralha de origem medieval que a circunscrevia. Malik Yaz, “*um riquíssimo homem, com que fortaleceu e nobreceu a cidade de muros, torres, e baluartes*”,⁹ terá sido o responsável¹⁰ por grande parte das construções da muralha - com uma única porta e pequeno fosso junto à frente poente - do baluarte da Couraça (fot. 16) - no extremo da ilha, onde mais tarde os portugueses ergueram a Fortaleza de São Tomé - e do Fortim do Mar (também chamado de Panikotha), no canal de mar, mais tarde ampliado pelos portugueses (fot. 17). A frente poente da muralha era composta por cortinas, torreões, contava com um pequeno fosso aberto directamente na rocha e uma única entrada terrestre através de uma pequena ponte que levava à “porta de terra” (fot. 18).



FOT. 16 - Baluarte da Couraça



FOT. 17 - Panikotha



FOT. 18 - “Porta de terra”

⁹ João de Barros, “D.II. I.II, capítulo IX”, in “Da Asia de Joao de Barros e de Diogo do Couto: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente, Régia Officina Typografica, Lisboa, 1777-1788.

¹⁰ Lopo de Sousa Coutinho, in História do cerco de Diu, Bibliotheca classicos portugueses, Typografia do Commercio de Portugal, Lisboa, 1890: I, VIII, 53.

"Encheu o dito Meliqueliaz em pouco tempo da dita cidade de muitos e ricos mercadores, favorecendo seus tratos de sorte que de logar pequeno de pescadores fez em breve a mais nobre e temida cidade de toda a Índia (...)".¹¹

Diu possuía uma importante actividade comercial, sendo o Gujarat, por si só, uma das principais potências do comércio inter-regional de toda a Índia. A associação entre o carácter comercial e o crescimento orgânico compreende-se no resultado: uma espécie de artérias que constituem espaços comerciais e extensões lineares mercantis, ligando também as ruas residenciais e os locais públicos. Verificava-se em Diu uma distinção clara entre o centro geométrico do território circunscrito pela muralha e o centro urbano, que se desenvolvia tangencialmente à muralha. A cidade islâmica cresce junto à muralha, elemento polarizador, seguindo-se uma grande área não construída, a nascente. No desenho da muralha antiga, poderemos perceber que nesta ideia de cintura amuralhada se podem verificar três zonas distintas de estrutura defensiva: a frente amuralhada, a poente da cidade; a frente amuralhada ribeirinha, a Norte da cidade e adjacente ao canal que separa a ilha do continente, menos fortificada que a primeira, dada a sua situação, com passagem obrigatória pela fortaleza; a frente amuralha marítima, a Sul da cidade, interrompida e apoiada pelo planalto rochoso, que defendia este pano até à fortaleza (fot. 19).



IMAGEM 07 - Muralha da cidade



FOT. 19 - Planalto rochoso

¹¹ Lopo de Sousa Coutinho, in História do cerco de Diu, Bibliotheca de classicos portugueses, Typografia do Commercio de Portugal, Lisboa, 1890, p. 55.

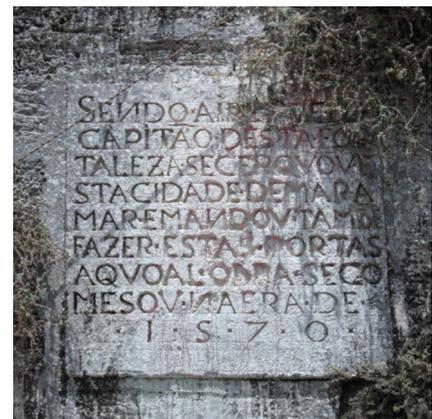
*"Era a cidade de Diu, muito formosa e do tamanho da cidade do Porto, cercada de muitos altos muros e torres e baluartes e fortes couraças, assim da parte do rio como da parte do mar e da frontaria de terra. Tinha muito formosa cava toda chapada de pedraria; tinha dentro de si uma fortaleza que a natureza fizera de Piçarra à maneira de grossas paredes, dentro na qual estavam os paços da rainha, torreados, com formosos edifícios e muito altos, e tinha muitas mesquitas e na principal um Alcorão, que se via mui longe ao mar. Tinha muitas casas nobres e muito populosa e de maior trato e escala que todas as outras cidades e portos da Índia. (...)"*¹²

A descrição é feita por Dom João de Castro, já com a presença portuguesa. A muralha terá sido reconstruída e o fosso aumentado: "SENDO AIRES TELES CAPITÃO DESTA FORTALEZA SE CERQVOV ESTA CIDADE DE MAR A MAR E MANDOV TAMBE FAZER ESTAS PORTAS A QVOAL OBRA SE COMESOV NA ERA DE 1570".¹³ Nas inscrições existentes no local, verifica-se que, das quatro portas de entrada na cidade, só a chamada "porta de terra" existia antes da presença portuguesa. Em 1570 e 1574 terão sido abertas duas portas, a primeira junto ao baluarte de Santa Catarina, a segunda entre o baluarte de São Sebastião e o de São Joaquim: "SENDO AIRES TELES CAPITÃO DESTA FORTALEZA SE CERQVOV ESTA CIDADE DE MAR A MAR E MANDOV TAMBE FAZER ESTAS PORTAS A QVOAL OBRA SE COMESOV NA ERA DE 1570" e "(...) DE 1574". (Fot. 20 e 21)

Os edifícios, no desenho e função que suportavam, continham uma carga hierárquica. Espaços como as igrejas, o palácio do governador, ou o mercado, destacavam-se a nível social. A religião, com o seu carácter colectivo, foi elemento decisivo no desenvolvimento social e urbano. As diferentes tipologias de edifícios definiram uma relação com a



FOT. 20 - Porta da cidade



FOT. 21 - Inscrição na porta

¹² Leonardo Nunes, in Crónica de D. João de Castro, dir. Luís de Albuquerque, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 102 – 105.

¹³ Esta inscrição encontra-se na muralha da cidade tanto junto ao baluarte de Santa Catarina, como junto ao baluarte de São Sebastião.

envolvente, apoiando-se nas vias. Estes edifícios, propícios à reunião de aglomerados de pessoas, apresentavam-se isolados em pontos da cidade, necessitando de elementos que os unissem. Actualmente, podem ainda ser observadas as principais vias cruzar os pontos principais: a Norte, a estrada que parte da frente Poente da muralha, cruza o porto e o palácio do governador, terminando na Fortaleza de São Tomé; quase paralela, a estrada que parte do mercado (fot. 22) em direcção à igreja de São Paulo (fot. 23), interceptando o largo da Igreja de São Tomé; a Sul, uma ramificação de vias que parte da entrada principal da cidade e da qual, após atravessar a maior densidade construtiva, intercepta o largo da Igreja de São Francisco e a Igreja de São Paulo, seguindo em direcção à fortaleza. Da antiga muralha, permanece a frente poente, com o fosso parcialmente aterrado. Alargado, mais tarde, sob a responsabilidade de Manuel de Sousa Sepúlveda ¹⁴, pode ser observada a verdadeira dimensão da muralha e baluartes, nos troços que permanecem abertos (fot. 24). Este sempre foi o mais extenso troço construído, prolongando-se entre o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, a Sul, e o baluarte de São Pedro, a Norte (antigamente até ao baluarte de São José, “onde o muro se vem juntar com o rio” ¹⁵, demolido em 1891).



FOT. 22 - Praça do mercado



FOT. 23 - Igreja de São Paulo, pátio



FOT. 24 - Fosso da muralha

¹⁴ António Baião, in *Itinerários de Índia Portugal por terra*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1923, p. 293.

¹⁵ Lopo de Sousa Coutinho, in *História do cerco de Diu*, Bibliotheca de clássicos portugueses, typografia do Commercio de Portugal, Lisboa, 1890, p. 55.

1.3. A FORTALEZA DE SÃO TOMÉ E O PANIKOTHA

*“A fortaleza de Dio he feyta em huma ponta que faz a cidade na entrada da barra, que figura sobre o rio, o qual faz volta redonda com que torna ao mar, e a cidade fica em ilha toda rodeada dagoa. O assento da fortaleza a mór parte he sobre pedra hum pouquo molle, e do rio vay com grosso muro e larga caua atrauessando a terra até ao mar da outra banda da costa, que he roça de alta penedia, e da banda do rio muy forte muro até a ponta que entra na barra, em que faz uma forte torre; e defronte da fortaleza, no rio, situado dentro nagoa, tem um baluarte com muyta artilharia, que muyto faz forte a fortaleza com a guarda do rio; em tal maneira que a fortaleza nam tem combate senão da banda da cidade, pera contra a qual no muro da caua avia tres cubellos, hum à parte do rio, e junto delle a torre que fez Manuel de Sousa, onde primeiro sohia estar a porta, e no meo do muro um grosso baluarte chamado São thomé, e no cabo da caua, na parte do mar, huma torre que se chamaua de Santiago, porque ao sopé della estaua huma igreja de Santiago: e em todosos lugares cumpria muy fermosa artilharia. E do baluarte que estaua á parte do rio se chamaua S. João.”*¹⁶

A fortaleza de São Tomé, constitui, segundo Rafael Moreira, o primeiro grande exemplar de arquitectura militar Renascentista no Oriente. Sem certezas, Jorge Gomes é apontado o mais provável autor da obra inicial, ainda presa ao Estilo Manuelino.¹⁷

¹⁶ Gaspar Correia, in *Lendas da Índia*, Tomo III, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858-1866, p. 467.

¹⁷ Rafael Moreira, “A Fortaleza de Diu e a Arquitectura Militar no Índico”, in *Os Espaços de um Império – Estudos*, 1 ed., Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, p. 141.

Antes da chegada dos portugueses, existia: o Baluarte da Couraça (fot. 25), que provavelmente os portugueses reconstruíram, uma vez que existe um no mesmo local e com o mesmo nome, apesar da sua configuração ser diferente (conforme a gravura de Gaspar Correia, DESENHO 3); um pequeno Fortim do Mar, chamado de Panikotha (fot. 26), com o desenho original de pequeno baluarte no canal de mar (conforme a gravura de Gaspar Correia), depreendendo-se a realização de uma ampliação da preexistência, já com a presença portuguesa.

Erguida em 1535 por Nuno da Cunha, a primeira fase da Fortaleza de São Tomé apresenta três frentes: a frente terrestre, a poente, apoiada pelo fosso, que a separa do resto do território; as duas frentes marítimas, a Norte e a Sul, menos fortificadas que a primeira. Após o primeiro cerco, em 1538, houve a necessidade de reconstruir os baluartes e cortinas destruídos; apenas depois do segundo cerco, em 1546 - o maior ataque desde que os portugueses ergueram a fortaleza - foi construída a segunda frente abaluartada (fot. 27), apoiada na construção de um segundo fosso (fot. 28), o terceiro da cidade, que separava a ilha dos três novos baluartes: os Baluartes de São Domingos, São Nicolau e de São Filipe. Aplicou-se pela primeira vez na Índia o baluarte de orelhões¹⁸, tendo como estudo de base o



FOT. 25 - Baluarte da Couraça



FOT. 26 - Panikotha



FOT. 27 - Fosso interior da Fortaleza

Na fotografia poderá ser observada a cortina poente que existia (à esquerda), o primeiro fosso da fortaleza (ao centro) e a segunda frente abaluartada, construída segundo os ensinamentos da escola italiana, com três baluartes renascentistas (à direita).



FOT. 28 - Fosso exterior da Fortaleza

Na fotografia poderá ser observada a segunda frente abaluartada, assim como o segundo fosso da fortaleza (terceiro fosso da cidade).

cruzamento de fogos entre baluartes angulares, em detrimento do tiro frontal (*ver página 38*). O arquitecto militar Francisco Pires terá sido o responsável por controlar a execução, com obras realizadas entre 1547 e 1550,¹⁸ durante o governo de Martim Afonso de Sousa. A fortaleza, como praça-forte, constituía o local onde todos os habitantes se protegiam em caso de guerra, havendo uma grande ligação entre cidade e fortaleza. Ligação que mudou ao longo dos anos, com a ausência de guerras e sem haver a necessidade de utilizar a fortaleza como defesa. Diu, irá mais tarde resistir ainda a ataques de holandeses e ingleses, mantendo-se sob o controlo administrativo português até 1961.

Em período coevo, os portugueses desenvolveram fortalezas, principalmente no Norte de África e Ásia Ocidental, usando o desenho do baluarte de orelhões. A referência mais oportuna relativamente ao presente estudo, será a fortaleza de Ceuta, erguida sensivelmente entre 1541 e 1543; o objectivo central terá sido construir uma muralha e abrir um fosso (*fot. 30*) que cortassem o istmo de lado a lado, permitindo aos portugueses uma nova concepção na arquitectura militar, e o emprego dos baluartes com orelhões. Também em Diu, foi erguida a segunda frente abaluartada, que, com o fosso, faziam uma separação do resto do território.



FOT. 29 - Interior da Fortaleza

A fotografia apresenta o aspecto actual do interior da Fortaleza de São Tomé.



IMAGEM 08 - Ceuta



FOT. 30 - Fortaleza de Ceuta

IMAGEM 09 - Planta de Ceuta, 1774

¹⁸ António Baião, in *Itinerários de Índia Portuguesa por terra*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1923, p. 293.

2. DESCRIÇÃO FUNCIONAL E MORFOLÓGICA DO CONJUNTO FORTIFICADO

2.1. REPRESENTAÇÕES ANTIGAS - INTERPRETAÇÃO

“Tauoa de Dio”, 1538-1541

A primeira representação conhecida de Diu foi realizada por Dom João de Castro, entre 1538 e 1541, incluída no seu diário de viagem entre Goa e Diu. O desenho original encontra-se no cofre da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Códice 33. A gravura representa a cidade de Diu como um aglomerado de casas ordenadas no interior de uma cintura muralhada, com a fortaleza no extremo Nascente. O Fortim do Mar é também representado, no canal de mar. O aglomerado de casas segue um padrão uniforme, quando na realidade cada uma teria características arquitectónicas muito próprias. O Fortim do Mar, além da dimensão exagerada que lhe dá destaque, apresenta já a transformação relativamente o seu traço original.

Desenho de Gaspar Correia, 1540

A representação de Gaspar Correia, corresponde a um desenho panorâmico à *vol d’oiseau*, realizado a pedido de D. João III.¹⁹ O desenho original foi destruído. A réplica mais antiga pode ser consultada na obra “Lendas da Índia”, Tomo III, na Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa. Na gravura, o historiador representa a Fortaleza e o Fortim

¹⁹ D. João III escreveu uma carta a D. João de Castro dizendo:

“Eu folgaria de ver o debuxo das principais fortalezas que tenho nessas partes, e porque quanto mais particularmente as pudesse ver maior contentamento receberia, vos encomendo muito que se lá houver alguma pessoa que o saiba bem fazer me envieis cada uma delas e assim a cidade ou lugar em que estiver e o sitio dela (...).” Cardeal Saraiva, in *Os portugueses em África, Ásia, América e Oceânia*, Tomo V, Lisboa, 1980, p. 27.

do Mar com bastante detalhe. Seguindo uma ordem de leitura, estão representados: O Fortim do Mar, com correntes até à fortaleza e estacas de madeira até ao continente ²⁰, ainda com o traço original, de pequeno baluarte; o Baluarte da Couraça, que mais tarde sofreu uma transformação; o Baluarte de Sta. Luzia; o Baluarte de Sta. Teresa; o Baluarte de São Martinho, chamado de S. Jorge após reconstrução; A porta do Cais; o Baluarte de Menagem; o Baluarte de Cavaleiro; um torreão, que veio a sofrer transformações e a corresponder ao Baluarte de São Tiago; um Baluarte entre os baluartes de Menagem e de Cavaleiro, que foi destruído; os edifícios principais, como o palácio do Governador, a igreja Matriz, a cadeia, o pelourinho e cisterna, Alfândega, (...), assim como as casas no seu interior. Visitando o local ou analisando mapas com algum rigor, percebemos com alguma facilidade que a escala do interior da fortaleza está exagerada, não sendo possível a quantidade de casas representada.²¹ O Panikotha, cuja representação corresponde à sua fase inicial, indica que a data da gravura poderá corresponder a uma compilação de desenhos onde este foi incluído, uma vez que em 1540 já o Panikotha teria sofrido alterações (conforme o desenho de D. João de Castro evidencia).

Desenho Pedro Barreto de Resende, 1634

A representação de Pedro Barreto de Resende, realizada a pedido do rei Dom Filipe III de Portugal, está presente na obra "*Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*", de António Bocarro. O desenho original poderá ser consultado na Biblioteca Pública de Évora, Códice CXV / 2-1, Planta nº 15. A gravura representa a fortaleza e a cintura muralhada da

²⁰ Fernão Lopes de Castanheda, in *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos portugueses*, II Vols., Porto, Lello & Irmão, 1979.

²¹ Nuno Grancho, in *Diu: a ilha, a muralha, a fortaleza e as cidades*, Coimbra, 2001, p. 44.

cidade. Na fortaleza, é representada a dupla cintura muralhada, assim como as igrejas Matriz e da Misericórdia. Outros edifícios civis e religiosos, fora dos limites da fortaleza, são também representados, com bastante detalhe. Apesar da falta de rigor, a gravura serve de modelo nos anos seguintes, encontrando-se algumas versões semelhantes.

“Planta da Fortaleza e Cidade de Diu”, 1783

A representação do Capitão Engenheiro João António Sarmiento é a primeira reprodução cartográfica conhecida. Poderá ser consultada no *Arquivo Virtual de cartografia Urbana Portuguesa*. Na representação pode ser observada a cidade de Diu, com a muralha que contorna a cidade, interrompida na frente Sul pelo planalto rochoso; a Fortaleza, o Fortim do Mar e os edifícios existentes, apresentam bastante rigor: deverá ter sido a primeira vez que se realizaram levantamentos, fazendo desta a representação mais rigorosa até ao momento.

“Planta do Cast^o, Praça e Cidade de Dio”, 1833

O exemplar cartográfico, levantado e desenhado pelo Capitão de Infantaria José de Aniceto da Silva, em 1833, e copiado pelo Aspirante a Engenheiro Construtor José Nicoláo Rodrigues em 1840, encontra-se no Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas, 1227-2A-24A-111. O desenho, último antigo conhecido, representa a Fortaleza, o Fortim do Mar e a cidade. A muralha já não se apresenta completa. Estão também representados alçados da fortaleza e de baluartes. Apesar do elevando grau de detalhe, o desenho carece de rigor: as casas apresentam-se todas com a mesma quadrícula, seguindo o percurso das vias; apenas os edifícios principais são representados com algum rigor. Os alçados apresentados carecem da mesma falta de rigor.

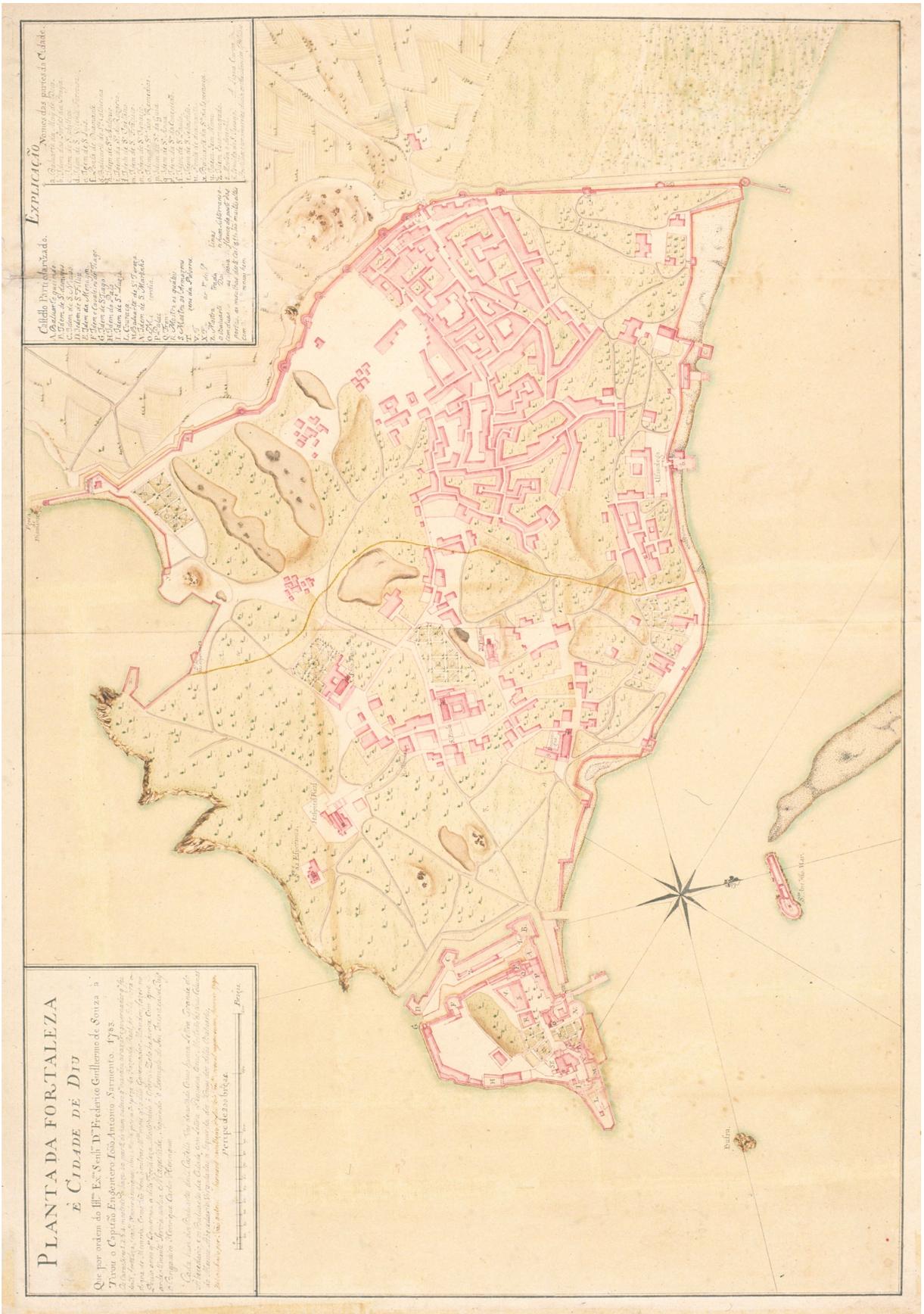
DESENHO 2 - "TAUOA DE DIO", 1538-41



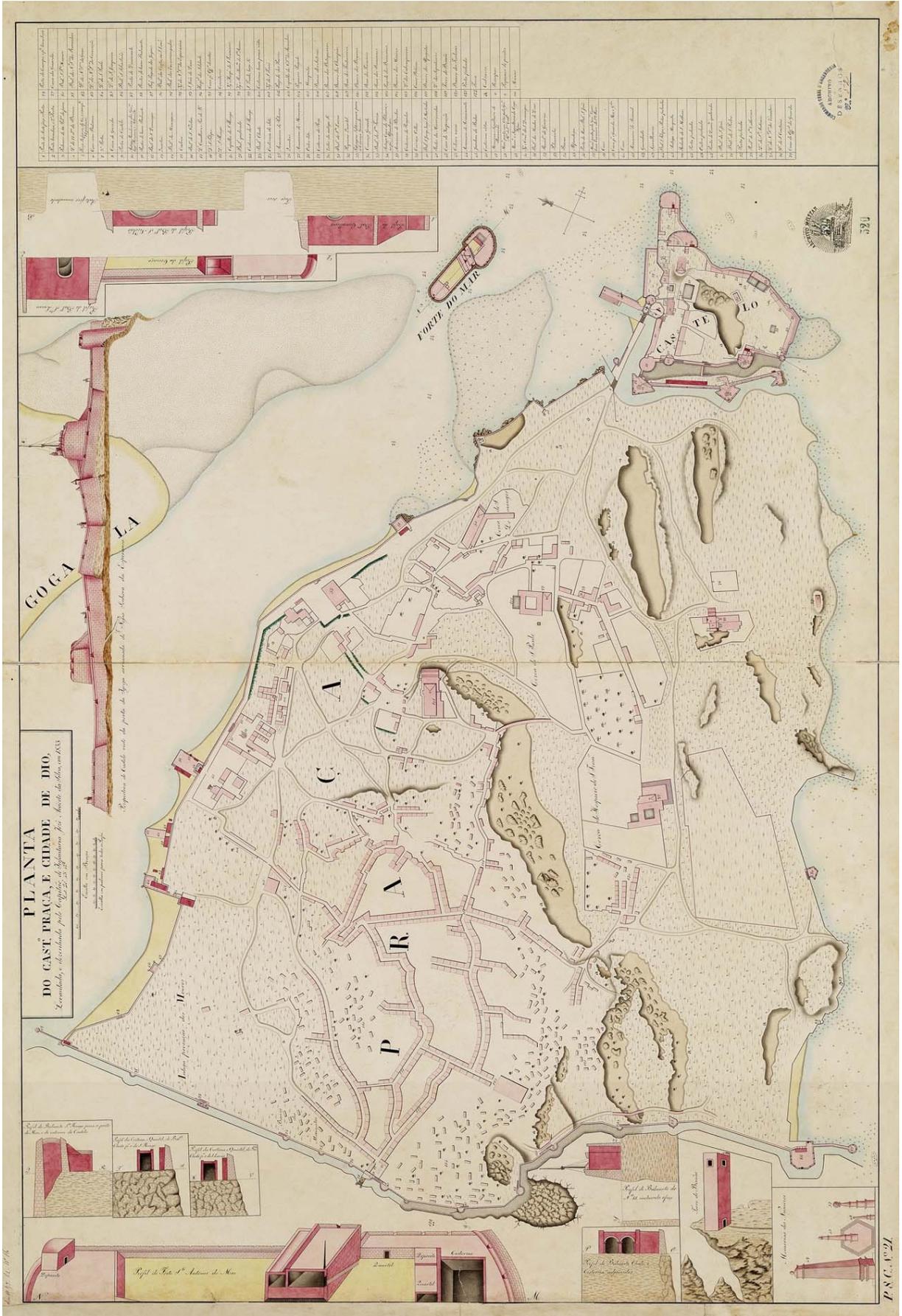
DESENHO 4 - DESENHO PEDRO BARRETO DE RESENDE, 1634.



DESENHO 5 - "PLANTA DA FORTALEZA E DIDADE DE DIU", 1783.



DESENHO 6 - "PLANTA DO CAST^o, PRAÇA E CIDADE DE DIO", 1833.



2.2. A MURALHA DA CIDADE - DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A antiga cintura amuralhada, de origem medieval, era constituída por cortinas, portas e torreões quadrangulares e semi-circulares. Este sistema defensivo, era formado por três frentes:

- a frente Poente, constituída por uma linha de cortinas, pontuada por portas e baluartes; separava a cidade do resto da ilha e permitia a entrada/saída da cidade via terrestre (*imagem 10*);

- a frente Norte, ribeirinha, constituída por cortinas e baluartes pontuais; encontrava-se adjacente ao canal que separa a ilha do continente, articulando-se com o porto (*imagem 11*);

- a frente Sul, constituída por uma linha de cortinas e pontuada por baluartes, até ao planalto rochoso, que se estendia até ao extremo Nascente. (*imagem 12*)

FRENTE POENTE

A frente poente, mantém-se, no geral, relativamente preservada, devido a sucessivas reparações ao longo dos anos; anuncia a cidade a grande distância. A frente possuía 18 baluartes, começando a Sul pelo Baluarte de São Sebastião e terminando a Norte, no baluarte de São José que, segundo a epigrafia, foi demolido em 1891. A entrada terrestre na cidade era feita pela "porta de terra" (*tot. 32*), situada entre os Baluartes de São Francisco de Xavier e de São Caetano (baluartes de planta semicircular e de paredes inclinadas). A entrada define o principal eixo de circulação da cidade, condicionando organização urbana. Em 1570 são construídas duas novas portas, uma entre o Baluarte de São



IMAGEM 10 - Frente Poente da cidade



IMAGEM 11 - Frente Norte da cidade



IMAGEM 12 - Frente Sul da cidade

Sebastião e o de São Joaquim, outra junto ao Baluarte de Santa Catarina (fot. 20). Uma quarta porta é aberta mais tarde, entre os Baluartes de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Guia. Apresentava, no lado exterior da cidade, um fosso seco e aberto, “a mayor parte della em pedra viva”²², com uma profundidade aproximadamente de 6 metros (fot. 24 e 31).

FRENTE NORTE

Da frente Norte, que defendia a cidade do lado do canal, pouco resta, quer dos baluartes, quer da antiga muralha (fot. 33). A Norte, não existia uma linha contínua de cortinas. Estas seriam interrompidas e pontuadas por baluartes e torreões, não se verificando a mesma presença que na frente Poente; os principais motivos estão relacionados com a acessibilidade condicionada pela passagem obrigatória pela fortaleza, assim como pela necessária articulação com o porto e circulação - de pessoas e mercadorias - que este provocava. O Baluarte de São José articulava a frente Poente com a frente Norte e seria um dos últimos vestígios desta frente antes de ser demolido. Da “Porta do Mar”, única existente



²² Gaspar Correia, in *Lendas da Índia*, Tomo III, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858-1866, p. 467.



FOT. 31 - A muralha e o fosso



FOT. 32 - “Porta de terra”

Na fotografia 15 pode ser observado o fosso aterrado, correspondendo à maior parte do seu estado actual. Poderá também verificar-se (no extremo direito da mesma fotografia) o início do troço de muralha restaurado, que nos levará à porta principal da cidade (apresentada na fotografia 16).

FOT. 33 - Frente Norte da cidade

Pode ser observada parte da cortina norte da cidade. À direita, o início do porto com a alfândega; o edifício imediatamente à esquerda (com abóbadas), o mercado, seguindo-se edifícios quase todos eles comerciais. Ao longo desta cortina norte, o comércio ocupa a maioria dos edifícios: lojas, cafés, restaurantes, hotéis.

nesta frente - aberta em 1725 junto ao Baluarte da Mãe de Deus - resta um arco, marcando a memória desta entrada/saída marítima.

FRENTE SUL

A frente Sul protegia a cidade do lado do mar, tirando partido da topografia. Era formada por uma linha de cortinas e baluartes pontuais que se estendiam até ao planalto rochoso, prolongado até ao extremo Nascente da ilha. Permanecem vestígios dos baluartes, como é o caso do Baluarte de São Sebastião, que articula esta frente com a frente Poente, assim como parte do Baluarte dos Excomungados. Nesta frente não existia qualquer porta.



FOT. 34 - Frente Sul da cidade

Pode ser observada parte da cortina sul da cidade. O planalto rochoso em contacto com o mar, caracteriza esta cortina, que se estende até ao extremo Nascente da ilha.

2.3. A FORTALEZA DE SÃO TOMÉ – DESCRIÇÃO E ANÁLISE MORFOLÓGICA

A Fortaleza de São Tomé, começada a ser construída em 1535, atravessando os principais fases de obras nos primeiros quinze anos. Adaptou-se, sendo o resultado de aumentos de dimensão e complexidade: as muralhas ganharam novas configurações, novos baluartes deram seguimento aos existentes; é na campanha de obras entre 1547 e 1550 que surge a segunda frente abaluartada, considerado o apogeu da fortaleza. *“Foi sobretudo depois da invasão de Itália por Carlos VIII, em 1494, que ficou demonstrada a ineficácia do desenho das velhas fortificações. As muralhas com torres quadradas ou cilíndricas, quando estas se encontravam muito afastadas com os seus numerosos ângulos mortos (em termos de balística) tornavam-nas pouco eficientes e inseguras para o tiro. Também a sua dimensão tornava o tiro penetrante e não rasante, o que em termos militares infringia menos baixas ao inimigo.”*²³

No interior da fortaleza, viviam militares e suas famílias distribuindo-se por quarteirões irregulares. As casas encontravam-se afastadas dos baluartes e cortinas no lado Poente, e do que se pensa ter sido as casas do capitão e construções adjacentes, no lado Norte; nas restantes faces, particularmente a Sul, encontravam-se as traseiras dessas construções, em contacto directo com o caminho de ronda²⁴ - que pode, ainda hoje, ser percorrido - nos limites da fortaleza, entre a capela de S. Tiago e o baluarte da couraça.

²³ Nuno Grancho, in Diu: a ilha, a muralha, a fortaleza e as cidades, Coimbra, 2001, p. 51.

²⁴ Pedro Dias, in *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço do Índico*, 1 ed., Navarra, Espanha, Circulo de Leitores, 1998, p. 135.

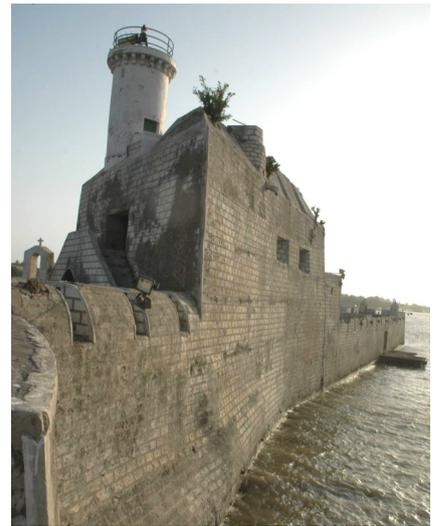
A descrição e análise morfológica do conjunto fortificado, segue a seguinte ordem cronológica:

- Uma primeira fase, relativa ao que existiria antes da instalação dos portugueses neste território.

- Uma segunda fase, correspondente à primeira fase de obras de autoria portuguesa, entre 1535 e 1545.

- Uma terceira fase, após o segundo cerco, em 1546, com destaque para a campanha de obras realizada entre 1547 e 1550.

Antes da presença portuguesa, os principais elementos da estrutura fortificada - além da muralha que circunscrevia a cidade - seriam o baluarte da couraça, no extremo Nascente da cidade (onde existe hoje um baluarte com o mesmo nome) e o Fortim do Mar, ou Panikotha, no canal de mar. Segundo o desenho de Gaspar Correia (DESENHO 3), o baluarte da couraça apresentava planta rectangular, com canhoeriras; hoje, o baluarte que existe no mesmo local, apresenta uma planta semi-circular; levanta-se a dúvida relativamente à forma como é representado o baluarte, acreditando-se que, já com a presença portuguesa, terá sido reconstruído, em conjunto com os restantes elementos da fortaleza e lhe terá sido conferido esta última forma. O Panikotha, segundo o desenho de Gaspar Correia, apresentava-se como um baluarte semi-circular no canal de mar, com canhoeriras a toda a volta e com o nome de "baluarte do mar"; com a instalação portuguesa, o baluarte do mar foi ampliado e ganhou uma forma semelhante à de um barco de pedra (a primeira representação conhecida do Panikotha com este aspecto é da autoria de D. João de Castro, DESENHO 2). Actualmente, encontra-se em mau estado de conservação: ao desgaste do tempo e contacto com o mar, juntam-se recuperações que o descaracterizaram e aceleraram o processo de degradação (fot. 35, 36, 37).



FOT. 35 - Panikotha

Pode ser observado o desgaste natural do tempo e do mar.



FOT. 36 - Panikotha, tecto no exterior



FOT. 37 - Panikotha, sala interior

Poderá ser observado o uso da madeira, no tecto das várias divisões que dão continuidade a esta sala. Este deveria ser o material original utilizado, tal como no tecto exterior, hoje recuperado conforme se poderá observar na fotografia 20.

Com a instalação portuguesa, a Fortaleza de São Tomé começa a ser construída, sob o governo de Dom Nuno da Cunha e responsabilidade de Manuel de Sousa Sepúlveda. Em 1535, Martim Afonso de Sousa, tomando posse da concessão feita pelo sultão de Cambaia, "(...) *mandou cortar huma pontaque fazia a Cidade desde o rio ao mar, onde abriu uma cava de largura de duas braças e huma de altura. Recolhendo para dentro a pedra, e terra que da cava se tirava, com que se fez hum vallo assaz alto, e lançou sobre ella huma ponte de madeira*".²⁵ Os principais baluartes erguidos nesta primeira fase de obras na fortaleza terão sido:

O baluarte de São Jorge, que apresenta uma planta circular, com oito canhoes, quatro delas possuem aberturas de grande dimensão. Sensivelmente a meio da cortina Norte, o baluarte assegura a defesa da porta da fortaleza, construída em 1544 e à qual se acede percorrendo uma ponte construída sobre o antefosso aberto no mesmo ano ²⁶ (fot. 38). É sobre a entrada da fortaleza que estão voltadas as quatro canhoes de maior dimensão, notando-se uma preocupação em defender, com elevada intensidade, esta zona. Segundo a gravura de Gaspar Correia, o baluarte de São Jorge terá sido construído sobre uma estrutura preexistente; segundo a epigrafia de Diu, a data da sua construção será 1542 ²⁷, e a estrutura preexistente teria o nome de baluarte de São Martinho, nome que veio a receber a capela ao seu lado: capela de São Martinho, construída em 1546.



FOT. 38 - Ponte e antefosso

²⁵ Diogo Couto, in *Décadas da Ásia*, Década IV, parte II, p. 358.

²⁶ "FEZ MANOEL DE SOUZA DE SEPULVEDA, CAPITÃO DESTA FORTALEZA ESTA ENTRADA, EM SERVENTIA COM O LANÇO DO MURO, COURAÇA, E PORTAS, CAES, PONTE E CAVA NA ERA DE 1544 GOVERNANDO A INDIA MARTIM AFONSO DE SOUZA". (Esta inscrição encontra-se sobre a porta de entrada da Fortaleza).

²⁷ "ESTE BALUARTE FEZ MANOEL DE SOUZA SEPULVEDA CAPITÃO DESTA FORTALEZA, E ALARGOU TODA A CAVA DE MAR A MAR MAIS HOUTRO TANTO DO QUE ESTAVA NA ERA DE 1542 GOVERNANDO A INDIA. MARTIM AFONSO DE SOUZA". (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de São Tomé, no baluarte de S. Jorge).



FOT. 39 - **Baluarte de São Jorge**, vista Poente



FOT. 40 - **Baluarte de São Jorge**, vista Norte

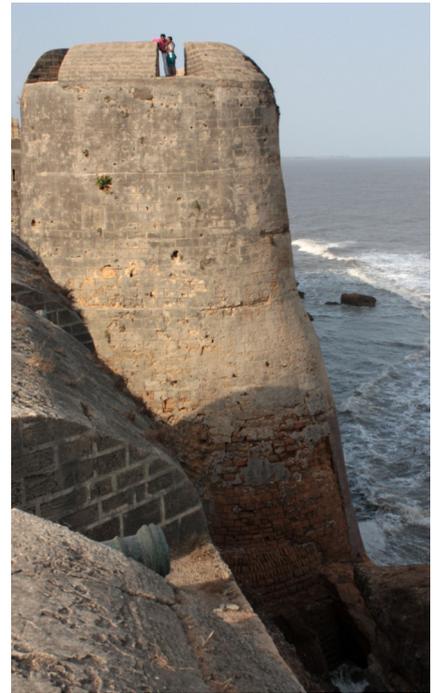
O **baluarte de Cavaleiro**, apresenta uma planta semi-circular, com oito canhoeriras, seis delas voltadas para o fosso seco e duas para o interior da fortaleza. É o baluarte de maior dimensão, dominando a frente Poente da Fortaleza de São Tomé (fot. 41). Segundo o desenho de Gaspar Correia, existia uma estrutura semelhante no local deste baluarte. A epigrafia indica-nos 1545 como ano da sua construção; possivelmente, a data corresponde a uma reconstrução ou ampliação da estrutura preexistente.²⁸ As canhoeriras apresentam aberturas de menor dimensão do que as do baluarte de São Jorge, mas com maior profundidade; uma delas encontra-se hoje destruída. A gravura de Gaspar Correia revela a existência de um baluarte no centro desta frente, que terá sido demolido, provavelmente após a construção da frente abaluartada da fortaleza, uma vez que existe, no mesmo local, uma ponte que atravessa o fosso interior (ou fosso seco), fazendo a passagem para a segunda frente.

²⁸ “ESTE BALUARTE FEZ MANOEL DE SOUZA SEPULVEDA, CAPITÃO DESTA FORTALEZA ERA DE 1545 GOVERNANDO A ÍNDIA MARTIM AFONSO DE SOUZA”. (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte de Cavaleiro).



FOT. 41 - Baluarte de Cavaleiro

O **baluarte de São Tiago**, apresenta uma planta semi-circular, com cinco canhoes de pequena dimensão, três delas voltadas para o mar e duas voltadas para o fosso seco. É o baluarte de menor dimensão, com a imagem de pequeno torreão (fot. 42) que tem continuidade na capela de São Tiago (fot. 43) e que articulava a frente Sul com a frente Poente, antes da construção da frente abaluartada. Segundo o desenho de Gaspar Correia, existia uma estrutura no mesmo local, um torreão de planta rectangular, ladeado por uma capela chamada de São Tiago, de muito menor dimensão, comparativamente à actual (semelhante à de uma pequena casa, IMAGEM 13). Alguns vestígios, revelam-nos a possibilidade de ter existido uma entrada, junto ao baluarte de São Tiago, antes de ser realizada a construção da frente abaluartada da fortaleza: segundo o desenho de Gaspar Correia, existia uma ponte neste local (IMAGEM 13) que daria acesso a uma entrada; actualmente, ainda é possível verificar uma porta junto ao baluarte de São Tiago (fot. 43 e 44).



FOT. 42 - Baluarte de São Tiago



FOT. 43 - Baluarte de São Tiago IMG 13 - Desenho de G. Correia extracto



FOT. 44 - Porta junto ao Baluarte S. Tiago

Na cortina poente, existia ainda o **baluarte de Menagem** (fot. 46), com uma planta aproximadamente rectangular, com quatro canhoeriras, duas direccionadas para o fosso seco e duas voltadas para Norte (fot. 45), identificáveis no local, embora apresentem elevado grau de deterioração; admite-se a hipótese de terem existido outras canhoeriras, nomeadamente voltadas para o interior da fortaleza, como acontecia com o baluarte de Cavaleiro. Não foi possível a recolha de informação cronológica deste baluarte.



FOT. 45 - **Baluarte de Menagem**
Cobertura, com vista para o Norte



FOT. 46 - **Baluarte de Menagem**

Após o segundo cerco, em 1546, a Fortaleza de São Tomé foi reforçada com a segunda frente Poente, constituída por cortinas com oito metros de espessura e por três baluartes de orelhões, preparada para suportar a artilharia mais avançada da época. O progresso técnico das armas de fogo obrigou a um repensar o traçado das muralhas. Das personalidades de maior relevo na teoria e construção de novos tipos de fortificações, destacam-se os arquitectos e engenheiros militares de Itália Giuliano e Antonio da Sangallo (que generalizaram o uso do baluarte pentagonal) e Francesco di Giorgio Martini que - apesar de ter seguido uma linha de desenvolvimento que se veio a demonstrar ineficaz - é considerado o principal responsável pela chamada fortificação moderna, principalmente pelos seguidores que teve e pela sua actividade de tratadista ²⁹ Foi com D. João de Castro que se iniciaram as obras desta última fase, durante o governo de Martim Afonso de Sousa. ³⁰ A ligação entre os baluartes era feita pela plataforma superior do reparo e através de túneis que ligavam as casamatas de cada um. O desenho destes três baluartes correspondia à nova tecnologia, que possibilitava o cruzamento de fogos entre baluartes angulares, em detrimento do tiro frontal, permitindo a defesa mútua. Francisco Pires é apontado como o responsável das obras, desenhando e acompanhando a construção da estrutura, entre 1547 e 1550. ³⁰

²⁹ Actividade da qual se destaca a publicação do chamado *Trattato di architettura, ingegneria e arte militare*, em 1482.

³⁰ António Baião, in *Itinerários de Índia Portugal por terra*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1923, p. 293.

OS TRÊS BALUARTES DESTA FASE SERIAM:

O Baluarte de São Nicolau, que apresenta uma planta aproximadamente triangular, com sete canhoeriras: cinco delas de grande abertura e profundidade, apontadas para terra partilhando a direcção do segundo fosso, no exterior da Fortaleza de São Tomé; duas delas apresentavam menores dimensões, com direcções paralelas às cortinas desta frente (fot. 49 e 51). O baluarte encontra-se no centro desta segunda frente abaluartada. Com a epigrafia ³¹ e relatos de testemunhos ³² disponíveis, acredita-se que a sua construção terá sido realizada entre 1547 e 1550, sendo o primeiro baluarte erguido nesta frente.



FOT. 47 e 48 - **Segundo fosso fortaleza**
Podem ser observados os resultados das superfícies, após a extracção da pedra na abertura do fosso

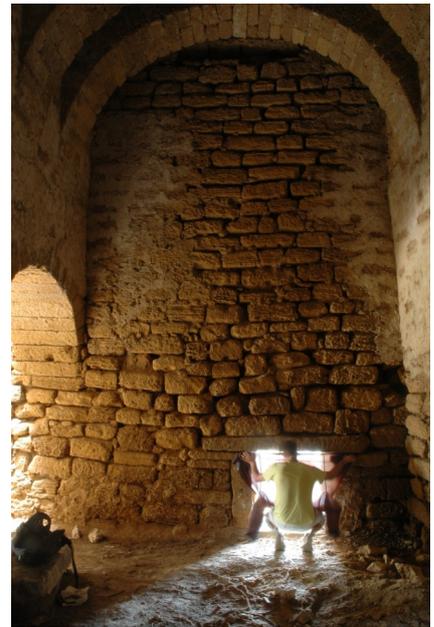


FOT. 49 - **Baluarte de São Nicolau**
vista ponte

³¹ "ESTA FORTALEZA FEZ O SENHOR GOVERNADOR D. JOAM DE CASTRO NA ERA DE 1547".

³² António Baião, in *Itinerários de Índia Portugal por terra*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1923, p. 293.

Na *fotografia 49*, podemos detectar, na frente abauartada, a superfície resultante da extracção de pedra no processo de abertura do segundo fosso da Fortaleza de São Tomé (*fat. 47 e 48*), com posterior aumento de dimensões dos baluartes e cortinas, provavelmente aproveitando a pedra extraída. O baluarte de São Nicolau sofreu reconstruções pontuais que alteraram o traço original, nomeadamente a nível das canhoeriras (*fat. 51*). Nas duas casamatas, uma a Sul (*fat. 50*), outra a Norte do baluarte, é possível verificar a existência de túneis, que permitem não só a ligação entre elas, como entre elas e as casamatas dos outros baluartes (como é sugerido no levantamento gráfico realizado e representado nos DESENHOS 10 e 12).

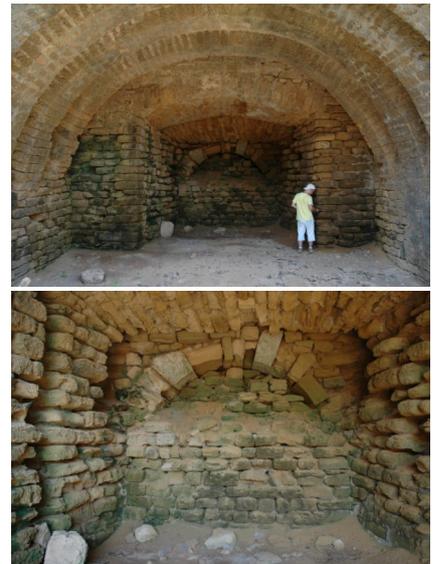


FOT. 50 - **Baluarte de São Nicolau,**
Casamata Sul



FOT. 51 - **Baluarte de São Nicolau**
vista cobertura

O Baluarte de São Filipe, apresenta uma planta aproximadamente triangular; simplificando, seria como um “meio baluarte”, com cinco canhoeriras de grande abertura: três delas encontram-se voltadas para o mar, paralelas umas às outras; uma delas partilha a direcção da terra e do fosso exterior; a restante, voltada para o fosso, apresenta uma direcção paralela à cortina desta frente, ajudando na defesa mútua entre este e o baluarte de São Nicolau (fot. 54 e 55). Situa-se no extremo Sul e faz a articulação entre a frente Poente e a frente Sul da estrutura. É o baluarte mais pequeno desta frente. Segundo a epigrafia local, a sua construção estaria concluída em 1550, no mesmo ano da conclusão da abertura do segundo fosso da fortaleza, terceiro da cidade.³³



FOT. 52 e 53 - **Baluarte de São Filipe**
Casamata



FOT. 54 - **Baluarte de São Filipe**
vista Poente

³³ Segundo a epigrafia, “ESTA CAVA ABRIU DO PRINCIPIO, E NA LARGURA, E ALTURA QUE TEM DE UM ATHE OUTRO LADO EM GROSSO OS BALUARTES S. FELIPE E S. MARTI-NHO MARTIM CORREA SENDO CAPITÃO DESTA FORTALESA ERA 1550”.

Na *fotografia 53*, poderemos facilmente detectar, na frente abaluartada, a superfície resultante da extracção de pedra no processo de abertura do segundo fosso da fortaleza (*fot. 47 e 48*). O baluarte de São Filipe sofreu reconstruções nas duas canhoeriras direccionadas para o fosso, alterando o seu traço original; parte da plataforma superior do reparo foi também sujeita a reconstruções (*fot. 55*). Foi possível visitar a casamata, onde se percebe a existência de ligações, através de túneis, entre ela e dos outros dois baluartes desta frente, confirmando a observação feita relativamente ao baluarte de São Nicolau (ver DESENHOS 10 e 13); o desenho da casamata sugere que este local possa ter sido uma antiga entrada na fortaleza. Essa ideia é reforçada com: a reentrância representada na Planta de 1783 (IMAGEM 14); existência de uma grande abertura de acesso à casamata (*fot. 52, 53, 55*); a provável antiga entrada na fortaleza, cuja porta (*fot. 43 e 44*), assim como a ponte representada (*imagem 13*), seguem a direcção da casamata deste baluarte.



IMAGEM 14 - "Planta da Fortaleza e Cidade de Diu", 1783, extracto

Foi seleccionada parte da planta do Capitão Engenheiro António Sarmento, onde é representado o baluarte de São Filipe (D.). Poderemos perceber a existência de uma reentrância na cortina que o une ao baluarte de São Nicolau (C.).



FOT. 55 - Baluarte de São Filipe
vista cobertura

O Baluarte de São Domingos, apresenta uma planta aproximadamente triangular, com seis canhoes de grande abertura, que partilham a direcção do fosso e da terra; a função delas seria, sobretudo, proteger a zona terrestre, que faz ligação com o antefosso e ponte de acesso à fortaleza (fot. 56). Situa-se no extremo Norte e faz a articulação entre a frente Poente e a frente Norte da fortaleza. É o baluarte de maior dimensão de toda a estrutura (fot. 58 e 60). Segundo a epigrafia local, "ESTA CAVA ABRIU DO PRINCIPIO, E NA LARGURA, E ALTURA QUE TEM DE UM ATHE OUTRO LADO EM GROSSO OS BALUARTES S. FELIPE E S. MARTINHO MARTIM CORREA SENDO CAPITÃO DESTA FORTALESA ERA 1550"; sendo o baluarte de S. Filipe o que articula a frente Sul com a frente Poente, e o baluarte de S. Martinho o que se encontra na entrada, podemos depreender que esta frente teria sido realizada (completa ou não) até ao ano de 1550, com a conclusão do segundo fosso da fortaleza. Segundo a inscrição que pode ser observada no baluarte de S. Domingos, "SENDO GENERAL DA ARMADA DE ALTO



FOT. 56 - **Baluarte de São Domingos**
Fosso e antefosso

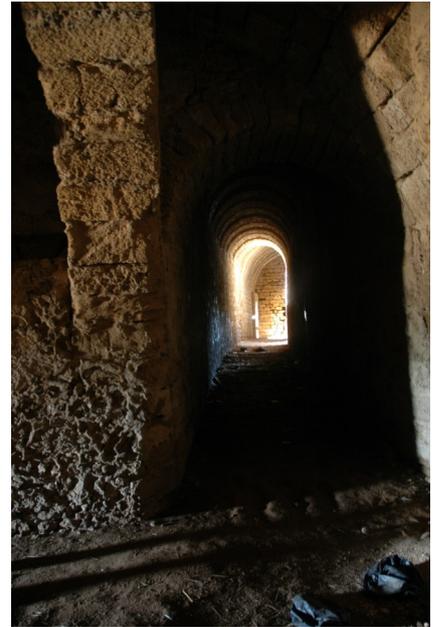


FOT. 57 - **Baluarte de São Domingos**
Construção em pedra, que se estende até ao sopé do baluarte



FOT. 58 - **Baluarte de São Domingos**
vista Poente

BORDO, E DO CONSELHO DE SUA Magestade, Capitão e Governador desta Fortaleza o Claveiro Francisco, mandou fazer este baluarte, governando Antonio Telles este estado na era de 1639.” Pelos dados apresentados, admite-se que 1639 corresponda à data de uma reconstrução ou ampliação do baluarte. A este propósito, se observarmos a *fotografia 58*, poderemos facilmente detectar a superfície resultante da extração de pedra no processo de abertura do segundo fosso; no entanto, a zona do baluarte que faz a “esquina”, articulando a frente Poente com a frente Norte, não apresenta mesma superfície: a construção em pedra estende-se até ao sopé, provavelmente uma intervenção posterior à original, apresentando um remate diferente do resto do baluarte (*fot. 57*). Desta frente, o Baluarte de São Domingos é o que apresenta melhor estado de conservação, encontrando-se muito semelhante ao seu traço original. Foi possível visitar as casamatas, assim como os túneis de ligação entre elas (*fot. 59*) e as dos outros dois baluartes (como é sugerido no levantamento gráfico realizado, representado nos DESENHOS 10 e 11).



FOT. 59 - **Baluarte de São Domingos**
casamata Norte e túnel para a casamata Sul



FOT. 60 - **Baluarte de São Domingos**
vista cobertura

2.4. LEVANTAMENTO GRÁFICO

Não existem elementos gráficos rigorosos da Fortaleza de São Tomé, nomeadamente um levantamento topográfico. Sendo imprescindível para o estudo possuir uma planta de base, vimo-nos obrigados a realizar alguns levantamentos pontuais, com base na planta geral da fortaleza, da autoria de Nuno Grancho.³⁴ Foi realizado o levantamento: dos bastiões de São Jorge, de São Tiago e de Cavaleiro, e respectivas canhoeriras; dos três baluartes da frente abaluartada, respectivas canhoeriras, assim como das casamatas dos baluartes e túneis de ligação entre elas. Dado o pouco tempo disponível para os levantamentos, grande dimensão da fortaleza e falta de meios técnicos que permitissem ter uma planta geral e topográfica com absoluto rigor, o resultado é um conjunto de levantamentos esquemáticos e pontuais, mas indispensáveis para a investigação e compreensão do conjunto. Foi também realizado um levantamento fotográfico exaustivo. Com o levantamento gráfico, podemos identificar diferentes tipologias de canhoeriras, correspondentes a diferentes momentos de construção. Em relação aos interiores de túneis e casamatas da frente abaluartada, percorridos e desenhados, verificaram-se troços obstruídos, optando-se por representar a tracejado aqueles que parece óbvio fazerem parte deste conjunto de percursos interiores. Os levantamentos foram realizados por Nuno Lopes e pelo arquitecto João Matos, em Junho de 2009.

³⁴ Nuno Grancho, in Diu: a ilha, a muralha, a fortaleza e as cidades, Coimbra, 2001, em anexo.

CONCLUSÃO

O principal objectivo da investigação consiste no desenvolvimento do conhecimento sobre as estruturas fortificadas de Diu: a muralha, da qual actualmente permanece a frente poente; a Fortaleza de São Tomé, no extremo nascente da cidade; o Fortim do Mar, no canal de mar, são os três elementos principais do sistema defensivo da cidade.

Com a visita ao local de estudo, levantamentos fotográficos e gráficos, consulta e recolha de informação em bibliotecas e arquivos (reconhecimento do estado da arte), foi possível proceder ao cruzamento de informação histórica com a posterior interpretação e análise das estruturas existentes. Na visita feita ao local de estudo, foram realizados levantamentos pontuais dos principais baluartes, canhoeriras e casamatas, fundamentais no desenvolvimento do estudo, nomeadamente para a compreensão de características tipológicas destes elementos. Foi também realizado um levantamento fotográfico exaustivo que, em conjunto com o levantamento gráfico, facilitaram a posterior descrição, interpretação e análise do conjunto.

Das estruturas fortificadas podem ser tiradas algumas conclusões:

- A muralha, de origem medieval, terá revelado importância não só enquanto estrutura defensiva da cidade (reforçada com a presença portuguesa), mas também como elemento que exerceu grande influência na forma de crescimento da cidade, por ela delimitada. Mantêm-se a frente Poente e alguns vestígios das frentes Norte e Sul.

- A Fortaleza de São Tomé - que terá começado a ser construída com a presença portuguesa, em 1535, e sofreu a maior parte das obras até 1550. Neste período de quinze anos, a fortaleza esteve sujeita a várias experiências de baluartes, sucessivamente destruídos e reconstruídos

(devido às acções defensivas, das quais de destacam o Primeiro e o Segundo cercos), necessidades defensivas que deram origem à segunda frente abaluartada, fazendo desta a principal estrutura de Diu e importante exemplar de arquitectura do Alto Renascimento. Actualmente podem ser verificadas algumas intervenções que não apresentam os resultados desejáveis, descaracterizando, pontualmente, o traço original da Fortaleza.

- O Panikotha, também reconstruído e ampliado com a presença portuguesa, encontra-se hoje num estado de degradação muito avançado. As sucessivas intervenções realizadas, aceleraram o processo de destruição e descaracterização, impossibilitando uma correcta interpretação e análise da estrutura.

Diu, tendo como símbolo principal a Fortaleza de São Tomé, é testemunho do período áureo português no mundo, o Império Marítimo Português; associando esta condição às limitações que o estudo manifestou - não foi possível o acesso a uma planta topográfica, além da grande dimensão da fortaleza - a presente investigação propõe servir como base para futuros possíveis desenvolvimentos.

O ponto de partida para possíveis desenvolvimentos passa pela existência de um levantamento topográfico, que garanta a realização de levantamentos gráficos rigorosos. Realizados os levantamentos gráficos, poderiam ser estudadas propostas de intervenção nestas estruturas. As propostas deveriam implicar um reconhecimento exaustivo do estado de conservação, levantamento de patologias existentes e prováveis evoluções, assim como os materiais e técnicas construtivas adequadas para a recuperação destes elementos, cada vez mais degradados. As propostas de intervenção, poderiam mesmo integrar um plano que englobasse outras estruturas fortificadas de origem portuguesa, nomeadamente na Ásia Ocidental.

DESENHO 40 - LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS NA MURALHA E NA CIDADE

Localização das fotografias, com base no último desenho feito pelos portugueses em Diu, 1961 (rede Elétrica de Diu”).



ÍNDICE DE DESENHOS

- DES. 01** Título - "Rede Elétrica da cidade de Diu"
Data - 1961 | Autor - últimos portugueses no território de Diu
Desenho original cedido pelo arquitecto Nuno Grancho.
- DES. 02** Título - "Porto de Diu no Roteiro de Goa a Diu"
Data - 1538-1541 | Autor - D. João de Castro
- DES. 03** Título - Desenho de Gaspar Correia
Data - 1540 | Autor - Gaspar Correia
- DES. 04** Título - Desenho de Pedro Barreto de Resende
Data - 1634 | Autor - Pedro Barreto de Resende
- DES. 05** Título - Planta da Fortaleza e cidade de Diu
Data - 1783 | Autor - Capitão Engenheiro António Sarmento
- DES. 06** Título - Desenho de José Aniceto da Silva
Data - 1833 | Autor - José Aniceto da Silva
- DES. 07** Planta da Fortaleza de São Tomé e Panikotha
Escala 1/2500 | 2009
- DES. 08** Planta da Fortaleza de São Tomé
Escala 1/200 | 2009
- DES. 09** Ampliação da Fortaleza - Segunda Cortina Amuralhada
Planta Exterior Baluartes | Escala 1/1000 | 2009
- DES. 10** Ampliação da Fortaleza - Segunda Cortina Amuralhada
Planta Interior Baluartes | Escala 1/1000 | 2009
- DES. 11** Baluarte de São Domingos - Exterior e Interior
Escala 1/500 | 2009
- DES. 12** Baluarte de São Nicolau - Exterior e Interior
Escala 1/500 | 2009
- DES. 13** Baluarte de São Filipe - Exterior e Interior
Escala 1/500 | 2009
- DES. 14** Baluarte de São Domingos - Canhoeira A1
Escala 1/100 | 2009
- DES. 15** Baluarte de São Domingos - Canhoeira A2
Escala 1/100 | 2009
- DES. 16** Baluarte de São Domingos - Canhoeira A3 (tipo)
Escala 1/100 | 2009
- DES. 17** Baluarte de São Nicolau - Canhoeira B2 (tipo)
Escala 1/100 | 2009
- DES. 18** Baluarte de São Nicolau - Canhoeira B3
Escala 1/100 | 2009
- DES. 19** Baluarte de São Filipe - Canhoeira C1 (tipo)
Escala 1/100 | 2009

- DES. 20** Baluarte de São Filipe – Canhoeira C2
Escala 1/100 | 2009
- DES. 21** Baluarte de São Filipe – Canhoeira C3
Escala 1/100 | 2009
- DES. 22** Baluarte de Cavaleiro – Canhoeira D1
Escala 1/100 | 2009
- DES. 23** Baluarte de Cavaleiro – Canhoeira D2
Escala 1/100 | 2009
- DES. 24** Baluarte de Cavaleiro – Canhoeira D3
Escala 1/100 | 2009
- DES. 25** Baluarte de Cavaleiro – Canhoeira D4
Escala 1/100 | 2009
- DES. 26** Baluarte de Cavaleiro – Canhoeira D5
Escala 1/100 | 2009
- DES. 27** Baluarte de Cavaleiro – Canhoeira D6
Escala 1/100 | 2009
- DES. 28** Baluarte de Cavaleiro – Canhoeira D7
Escala 1/100 | 2009
- DES. 29** Baluarte de São Tiago – Canhoeira E1
Escala 1/100 | 2009
- DES. 30** Baluarte de São Tiago – Canhoeira E2
Escala 1/100 | 2009
- DES. 31** Baluarte de São Tiago – Canhoeira E3
Escala 1/100 | 2009
- DES. 32** Baluarte de São Tiago – Canhoeira E4
Escala 1/100 | 2009
- DES. 33** Baluarte de São Tiago – Canhoeira E5
Escala 1/100 | 2009
- DES. 34** Baluarte de São Jorge – Canhoeira F1
Escala 1/100 | 2009
- DES. 35** Baluarte de São Jorge – Canhoeira F2
Escala 1/100 | 2009
- DES. 36** Baluarte de São Jorge – Canhoeira F3
Escala 1/100 | 2009
- DES. 37** Baluarte de São Jorge – Canhoeira F4
Escala 1/100 | 2009
- DES. 38** Baluarte de São Jorge – Canhoeira F5 (tipo)
Escala 1/100 | 2009
- DES. 39** Baluarte de Menagem
Escala 1/1000 | 2009
- DES. 40** Localização das fotografias na muralha e na cidade
Como base, foi utilizada a Planta de 1961 | “Rede Elétrica da Cidade de Diu”
- DES. 41** Localização das fotografias na Fortaleza de São Tomé e Panikota
Escala 1/2500 | 2009

ÍNDICE DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS

- IMG. 01** “Breve panorama das fortificações do Estado da Índia nos séculos XVI e XVII”
Imagem retirada da revista Oceanos | nº 28 | Outubro/Dezembro 1996 | página 125
- IMG. 02** Mapa Mundo
Imagem retirada do sítio www.commonswikimedia.org
- IMG. 03** Gujarat, Índia
Imagem retirada do sítio da NASA, disponível em www.visibleearth.nasa.gov
- IMG. 04** Ilha de Diu
Imagem retirada do Google Earth | Actualização: Fevereiro 2006
- IMG. 05** Cidade de Diu
Imagem retirada do Google Earth | Actualização: Fevereiro 2006
- IMG. 06** Fortaleza de Diu
Imagem retirada do Google Earth | Actualização: Fevereiro 2006
- IMG. 07** Muralha da cidade
Para a representação da muralha da cidade, foi utilizado o DESENHO 5, 1783
- IMG. 08** Ceuta
Imagem retirada do Google Earth | Actualização: Fevereiro 2006
- IMG. 09** Planta de Ceuta, 1774
Cartografia cedida pelo GEAEM/DIE - 4140-3-41-56
- IMG. 10** Frente Poente da cidade
Para a representação da Frente Poente da cidade, foi utilizado o DESENHO 5, 1783
- IMG. 11** Frente Norte da cidade
Para a representação da Frente Norte da cidade, foi utilizado o DESENHO 5, 1783
- IMG. 12** Frente Sul da cidade
Para a representação da Frente Sul da cidade, foi utilizado o DESENHO 5, 1783
- IMG. 13** Desenho de Gaspar Correia, 1540, extracto
Para verificação da existência de uma ponte, foi extraída parte do DESENHO 3, 1540
- IMG. 14** Planta da Fortaleza e Cidade de Diu, 1783, extracto
Para verificação do baluarte de São Filipe, foi extraída parte do DESENHO 5, 1783
- FOT. 01** “Porta de Terra”
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 02** Porta da cidade, junto ao baluarte de Sta. Catarina
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 03** Avenida comercial (Rua do Bazar)
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 04** Avenida comercial (Rua do Bazar)
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 05** Praça do mercado e pelourinho
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009

- FOT. 06** Mercado
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 07** Avenida zona Sul da cidade
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 08** Edifício Português (Rua de Isabel Fernandes e Igreja São Francisco)
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 09** Barcos junto ao porto de Diu
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 10** Estrada Diu - Gogolá
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 11** raparigas indianas
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 12** Praia Gogolá
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 13** Rapaz indiano
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 14** Planalto rochoso a Sul da cidade
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 15** Interior Baluarte de São Jorge
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 16** Baluarte da Couraça
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 17** Panikotha
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 18** "Porta de Terra"
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 19** Planalto rochoso
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 20** Porta da cidade
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 21** Inscrição na porta
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 22** Praça do mercado
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 23** Igreja de São Paulo, pátio
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 24** Fosso da muralha
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 25** Baluarte da couraça
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 26** Panikotha
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 27** Fosso interior da Fortaleza
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 28** Fosso exterior da Fortaleza
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 29** Fosso interior da Fortaleza
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009

- FOT. 30** Fortaleza de Ceuta
Fotografia da autoria de José Manuel Pinto | retirada do sítio www.panoramico.com
- FOT. 31** A muralha e o fosso
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 32** "Porta de terra"
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 33** Frente Norte da cidade
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 34** Frente Sul da cidade
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 35** Paniokotha
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 36** Paniokotha, tecto no exterior
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 37** Paniokotha, sala interior
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 38** Ponte e antefosso
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 39** Baluarte de São Jorge, vista Poente
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 40** Baluarte de São Jorge, vista Norte
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 41** Baluarte de Cavaleiro
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 42** Baluarte de São Tiago
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 43** Baluarte de São Tiago
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 44** Porta junto ao Baluarte de São Tiago
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 45** Baluarte de Menagem - cobertura, com vista para o Norte
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 46** Baluarte de Menagem
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 47** Segundo fosso da fortaleza
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 48** Segundo fosso da fortaleza
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 49** Baluarte de São Nicolau, vista poente
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 50** Baluarte de São Nicolau, casamata Sul
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 51** Baluarte de São Nicolau, vista cobertura
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 52** Baluarte de São Filipe, casamata
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 53** Baluarte de São Filipe, casamata
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 54** Baluarte de São Filipe, vista poente
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009

- FOT. 55** Baluarte de São Nicolau, vista cobertura
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 56** Baluarte de São Domingos, fosso e antefosso
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 57** Baluarte de São Domingos
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 58** Baluarte de São Domingos, vista poente
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. 59** Baluarte de São Domingos, casamata Norte e túnel
Fotografia da autoria de João Barros Matos | Junho 2009
- FOT. 60** Baluarte de São Domingos, vista cobertura
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009
- FOT. CAPA** Vista frente Norte da cidade
Fotografia da autoria de Nuno Lopes | Junho 2009

1.5. CRONOLOGIA

1507 Malik Yaz é apontado como responsável por grande parte das construções na muralha de Diu, o Baluarte da Couraça, ou o Forte do Mar. Morre em 1522.

1509 A Grande Batalha de Diu.

Com Dom Francisco de Almeida no comando, as armadas do sultão egípcio, da Sereníssima República de Veneza e de Malik Yaz foram derrotadas, permitindo ao portugueses marcarem posição no Oceano Índico, abrandando o domínio turco no mar Arábico.

1515 Morre Afonso de Albuquerque, governador da Índia.

1518 Diogo Lopes de Sequeira, novo governador da Índia.

1521 Morre Dom Manuel I e sucede-lhe Dom João III.

1528 Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, é nomeado governador da Índia.

1531 Nuno da Cunha bombardeia Diu com uma poderosa esquadra, mas é obrigado a retirar.

1535 Bahadur Shah, sultão de Cambaia, após entrar em conflito com o imperador monghol, pede auxílio aos portugueses, recompensando-os com a permissão para a construção da fortaleza.

Nuno da Cunha inicia a construção da Fortaleza de Diu, concluída no ano seguinte.

1538 Primeiro cerco de Diu.

Pelo conhecimento da ofensiva naval que, no canal de Suez os infiéis preparavam contra Diu, parte em Março, do Reino de Portugal, a esquadra de Dom Garcia de Noronha, com onze navios e seis mil homens, nos quais se encontravam os melhores capitães da época: Dom João de Castro, Dom Cristóvão da Gama, Dom João de Mascarenhas, Dom Luís de Ataíde, Fernão castelo Branco, Lourenço Pires de Távora, entre outros. Entre 26 de Junho e 1 de Novembro sucedem-se vários ataques das armadas de Coje Sofar e de Suleimão Paxá, a que António da Silveira e seus homens resistem heroicamente, levando o inimigo a retirar o cerco.

1542 Sob a capitania de Manuel de Souza Sepúlveda, é **concluído o baluarte de São Jorge na fortaleza e é alargado o fosso entre a fortaleza e a terra.**

1545 Construção do baluarte de Cavaleiro.

Dom João de Castro é eleito o novo governador.

1546 Segundo cerco de Diu.

Avisado por Dom João de Mascarenhas (capitão da praça de Diu) de uma provável ofensiva de Coje Sofar para recuperar Diu, Dom João de Castro manda um reforço de tropas para Diu. Coje Sofar ataca, dando início ao segundo cerco de Diu. Coje Sofar é morto (e substituído em guerra pelo seu filho Rumeção), tal como Dom Fernando da Castro (filho do governador) que também se encontrava entre os reforços enviados pelo pai. Após oito meses de batalha, Rumeção é vencido, levantando o cerco. D. João de Castro manda construir a Capela de São Tiago, junto ao baluarte de São Tiago.

1547 Reconstrução e ampliação da Fortaleza de Diu, com obras da autoria de Francisco Pires.**1550 Construção do Baluarte de São Filipe.**

1557 Morre o rei Dom João III, sucedendo-lhe Dona Catarina.

1561 Morre Gaspar Correia (1495-1561), autor de *Lendas da Índia* e escrivão de Afonso de Albuquerque.

1570 **Abertura de duas novas portas na muralha da cidade de Diu.** Uma entre o baluarte de S. Sebastião e o baluarte de São Joaquim, outra junto ao baluarte de Santa Catarina.

1571 A expansão no Oriente atinge o seu apogeu e a presença portuguesa passa por Amboíno, Baçaim, Barcelor, Barém, Bornéu, Calecut, Cananor, Cariate, Celebes, Chaul, Cochim, Columbo, Cota, Cou-lão, Cranganor, Damão, Diu, Goa, Jafanapatão, Java, Macau, Malaca, Manar, Mangalor, Mascate, Meliapor, Melinde, Negapatão, Onor, Ormuz, Quíloa, Samatra, Socotorá, Solor, Ternate, Tidor, Timor, Tocotori e Zanzibar.

1580 Portugal perde a independência (1580-1640).

1584 Construção do Baluarte de Santa Catarina na frente terrestre da muralha de Diu**1594 Construção da porta do mar na muralha de Diu da frente ribeirinha.**

1603 Diu é elevada à categoria de cidade com privilégios idênticos aos de Évora.

1604 Realização da prisão da fortaleza de Diu.

1615 Retirada a Diu a mercê conferida em 1603. A cidade passa a designar-se por Praça de Diu.

1636 **Reconstrução do Baluarte de Cavaleiro**, durante o seu governo por Francisco da Silveira.

1639 **Construção do Baluarte de São Domingos**, durante o seu governo por Francisco da Silveira. Possivelmente a data de uma ampliação de um baluarte já existente, construído segundo os desenhos de Francisco Pires.

1650 Construção do Baluarte de Santa Luzia.**1652 Construção do Baluarte de Santa Teresa.**

- 1676** **Construção do Baluarte do Mar e o pano de muro na muralha a Este do Baluarte de São Sebastião.**
- 1709** **Reconstrução do Baluarte de São Tiago.**
- 1722** O Forte e a Aldeia de Simbor, no território de Diu, entram na posse de Portugal.
- 1723** **Construção de um Baluarte no troço de muralha da praia.**
É perdida a Aldeia de Simbor, ficando no poder português apenas o forte.
- 1725** **Abertura da porta do baluarte da Mãe de Deus na muralha da cidade de Diu.**
- 1777** Construção do Arsenal de Diu.
- 1782** Construção do cais e o guindaste do porto de Diu.
- 1891** **É demolido o Baluarte de São José, na muralha de Diu.**
- 1910** Implantação da República em Portugal.
- 1961** **Ocupação de Diu pela União Indiana.**
- 1987** Após Goa, Damão e Diu terem sido administrados como parte de um território da União Indiana até então à data, surge a **Autonomia Cultural de Diu.**

EPIGRAFIA

Sendo muita a epigrafia existente em Diu, foi realizada a selecção e complementada pela informação das seguintes obras:

- TELES, Ricardo Michael, "Epigrafia de Diu", in *O Oriente Português*, n.ºs 7-9, Bastorá, 1935, pp. 8-70.
- GRANCHO, Nuno, *Diu: a ilha, a muralha, a fortaleza e as cidades*, Coimbra, 2001, pp. 112-137.

- 01** "ESTE BALUARTE FEZ MANOEL DE SOUZA SEPULVESA CAPITÃO DESTA FORTALEZA, E ALARGOU TODA A CAVA DE MAR A MAR MAIS HOUTRO TANTO DO QUE ESTAVA NA ERA DE 1542 GOVERNANDO A INDIA. MARTIM AFONSO DE SOUZA".
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de São Tomé, no baluarte de S. Jorge).
- 02** "FEZ MANOEL DE SOUZA DE SEPULVEDA, CAPITÃO DESTA FORTALEZA ESTA ENTRADA, EM SERVENTIA COM O LANÇO DO MURO, COURAÇA, E PORTAS, CAES, PONTE E CAVA NA ERA DE 1544 GOVERNANDO A INDIA MARTIM AFONSO DE SOUZA".
(Esta inscrição encontra-se sobre a porta de entrada da Fortaleza).
- 03** "FEZ MANOEL DE SOUZA DE SEPULVEDA NESTA SÉ AS ESCADAS, CORO, E TORRES, A CAPELLA MÓR COM AS MAIS CAPELLAS, E SEUS RETABOLOS, TODO O FORRO, E MADEIRAMENTO. ERA DE 1544 GOVERNANDO A INDIA MARTIM DE AFONSO DE SOUZA."
(Esta inscrição pertenceu à Sé, que hoje está em ruínas).
- 04** "ESTE BALUARTE FEZ MANOEL DE SOUZA SEPULVEDA, CAPITÃO DESTA FORTALEZA ERA DE 1545 GOVERNANDO A ÍNDIA MARTIM AFONSO DE SOUZA".
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte de Cavaleiro).
- 05** "ESTA FORTALEZA FEZ O SENHOR GOVERNADOR D. JOAM DE CASTRO NA ERA DE 1547"
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na contra muralha).
- 06** "ESTA CAVA ABRIU DO PRINCIPIO, E NA LARGURA, E ALTURA QUE TEM DE UM ATHE OUTRO LADO EM GROSSO OS BALUARTES S. FELIPE E S. MARTINHO MARTIM CORREA SENDO CAPITÃO DESTA FORTALESA ERA 1550"
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no meio da contra muralha, do lado do fosso).
- 07** "SENDO AIRES TELES CAPITÃO DESTA FORTALEZA SE CERQVOV ESTA CIDADE DE MAR A MAR E MANDOV TAMBE FAZER ESTAS PORTAS A QVOAL OBRA SE COMESOV NA ERA DE 1570".
(Esta inscrição encontra-se na muralha, junto aos baluartes de Santa Catarina e de São Sebastião).

- 08** "SENDO MEL DE MIRADA CAPITÃO DESTA FORTALEZA E CIDADE MANDOV FAZER ESTE BALUARTE PA DEFECAO DESTA PORTA E CORER COM HO ESPIGVÃO DESTES MVROS ERA 1584".
(Esta inscrição encontra-se na muralha da cidade, no baluarte de Santa Catarina).
- 09** "GOTERRES DE MÕROI CAPITÃO DESTA FORTALEZA MANDOU FAZER ESTA PRIZÃO, E VARANDAS SOBELO TERREIRO, E A GUARITA DA PORTA DA GUARDA E O JOGO DA BOLA NO TEMPO DE SUA CAPITANIA O ANNO DE 1604."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no edifício prisional que ainda hoje está activo nas suas funções).
- 10** "SENDO CAPITÃO DESTA FORTALEZA DÕ LOURENÇO SOTO-MAIOR MANDOU FAZER ESTA ESCADA E LAGIAR O PATEO DAMTRE AMBAS AS PORTAS NA ERA DE 1612."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na escadaria do antigo palácio, hoje feitoria).
- 11** "SENDO CAPITÃO E GOVERNADOR DESTA FORTALEZA RUI DIAS DE SAMPAIO MANDOU FAZER ESTA IGREJA TODA DE NOVO E ACABOU NA ERA DE 1623 ANNOS."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na Capela de S. Tiago).
- 12** "SENDO CAPITÃO E GOVERNADOR DESTA FORTALEZA D. PEDRO MASCARENHAS SE ABRIU ESTA CAVA E SE FEZ ESTA PONTE ANNO DE 1630."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, à esquerda da ponte dormente).
- 13** "GOVERNANDO ESTE ESTADO O EXCELLENTISSIMO SENHOR D. MIGUEL DE NORONHA CONDE DE LINHARES SE ABRIU ESTA CAVA E SE FEZ ESTA PONTE. ANNO DE 1630."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, à direita da ponte dormente).
- 14** "EM TEMPO DO CONDE DE LINHARES V. REI DESTE ESTADO VINDO GOVERNAR ESTA FORTALEZA POR 5 ANNOS FRANCISCO DA SILVEIRA O PRIMEIRO CLAVEIRO DA ORDEM DE CHRISTO QUE PAS-SOU A ESTAS PARTES MANDOU FAZER ESTA CASA DE POLVORA E DAS ARMAS NE ERA DE 1632 ANNOS."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na casa da pólvora).
- 15** "GOVERNANDO ESTE ESTADO DA INDIA O VICE-REI D. MIGUEL DE NORONHA CONSE DE LINHARES MANDOU FAZER ESTA PORTA E MURO DA TRAVANDA: ANNO DE 1634.
(Esta inscrição encontra-se junto à Fortaleza de S. Tomé, por cima da porta do cais).
- 16** "GOVERNANDO ESTA FORTALEZA O CLAVEIRO DA ORDEM DE CHRISTO FRANCISCO DA SILVEIRA MANDOU FAZER ESTA OBRA E LOMBORADO A ESTE BELUARTE CAVALEIRO NA ERA DE 1636, GOVERNANDO ESTE ESTADO O VISO-REI PERO DA SILVA.
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte cavaleiro).
- 17** "SENDO GENERAL DA ARMADA DE ALTO BORDO, E DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, CAPITÃO E GOVERNADOR DESTA FORTALEZA O CLAVEIRO FRANCISCO, MANDOU FAZER ESTE BALUARTE, GOVERNANDO ANTONIO TELLES ESTE ESTADO NA ERA DE 1639."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte de São Domingos, do lado do fosso).

- 18** "O PRIMEIRO ANNO DO REINADO DO SERENISSIMO REI D. JOÃO O 4º, CUJA ACCLAMAÇÃO EM REI DE PORTUGAL APPROVOU CHRISTO DESPREGANDO O BRAÇO DA CRUZ, E CONFIRMOU COM ESTES PRODIGIOSOS, QUE SE VIRÃO NO SOL E NA LUA, SENDO CAPITÃO, E GOVERNADOR DESTA FORTALEZA, ANTONIO DE SOUZA COUTINHO, SE ACABOU ESTE BALUARTE, NO QUAL MANDARAM OS P.ES DA COMPANHIA DE JESUS, ADMINISTRADORES DE SUA MAGESTADE, LEVANTAR ESTE PADRÃO Á LIBERDADE DE PORTUGAL AOS 8 DE DEZEMBRO DE 1641 ANNOS."
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte de São Domingos, do lado do fosso).
- 19** "SENDO CAPITÃO E GOVERNADOR DESTA FORTALEZA ANTONIO DE SOUZA COUTINHO SE ACABOU ESTE BALUARTE ANNO DE 1642"
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, à esquerda da ponte dormente).
- 20** "GOVERNANDO ESTE ESTADO O EXCELLENTISSIMO SENHOR JOÃO DA SILVA TELLO CONDE DE AVEIRAS SE ACABOU ESTE BALUARTE ANNO DE 1642".
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, à direita da ponte dormente).
- 21** "ESTA CISTERNA SE FEZ NO ANNO DE 1643"
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na cisterna da rainha).
- 22** "REINADO O SERENISSIMO REI D. JOÃO O 4º MANDOU FERNÃO DE MIRANDA HENRIQUES GOVERNAR ESTA FORTALEZA, EM TEMPO DO QUAL SE ACABOU ESTE ALMEZEM PARA TODA A SORTE DE ARMAS, E MUNIÇÕES NA ERA DE 1643
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no armazém).
- 23** "REINANDO O SERENISSIMO REI D. JOÃO O 4º SENDO CAPITÃO DESTA FORTALESA FRANCISCO MUNIZ DA SILVA MANDOU FAZER ESTE BALUARTE S. LUZIA E CONTRA MURO POR FORA DOS ALMAZES DA FEITORIA COM ESTA PORTA PARA A COURAÇA NA ERA DE 1650"
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, por cima da porta de S. Luzia).
- 24** "REINANDO O SERENISSIMO REI D. JOÃO O 4º, SENDO CAPITÃO DESTA FORTALEZA FRANCISCO MONIZ DA SILVA MANDOU FAZER ESTE ALMAZEM PERA MANTIMENTOS. 1650"
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, sobre a porta do armazém).
- 25** "SENDO CAPITÃO E GOVERNADOR DESTA FORTALESA D. JOÃO MANOEL SE FEZ ESTE BALUARTE DE SANTA TERESA DE JESUS EM 1652"
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte de S. Teresa).
- 26** "GOVERNANDO O ESTADO DA INDIA A VISO-REI D. DUARTE DE MENEZES MANDOU FAZER ESTA CASA PERA ALMAZEM DA POLVORA, AIRES DE FALCÃO CAPITÃO DESTA FORTALEZA DE DIU. NA ERA DE 1656"
- (Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, numa casa em ruína, junto da cisterna da rainha).
- 27** "SENDO MANOEL DE MELLO CAPITÃO DESTA FORTALEZA SE FEZ O BALUARTE DO MAR EMVOCAÇÃO N. S. DO SOCORRO, E O PANO DE MURO QUE CORRE A ESTE DE S. SEBASTIÃO TAMBEM SE LAGEOU E SE LHE FEZ A OBRA QUE FOI NECESSARIO PARA SUA DEFENSA E NA MESMA FORMA AOS MAIS E A MURALHA QUE NÃO TINHA PARAPEITOS, E SE RETIFICOU A QUE ESTAVA ARRUINADA, E SE ABRIU A CAVA, SENDO A MAIOR PARTE OBRANDO-SE TUDO DEPOIS DO BOM SUCESSO

QUE DEOS FOI SERVIDO DAR NESTA PRAÇA CONTRA OS ARABIOS GOVERNANDO-A O MESMO CAPITÃO EM 20 DE JANEIRO DE 1676”

(Esta inscrição encontra-se na muralha da cidade, no exterior do baluarte de São Sebastião. Encontra-se apenas pousada no chão, já em mau estado).

28 “SENDO CAPITÃO, E GOVERNADOR DESTA FORTALEZA JOZE DE MELLO DE CASTRO SE FISERÃO AS ESCADAS A ESTES BALUARTES E SE FEZ O PARAPEITO DESTES E DOS BALUARTES DE FORA NA ERA DE 1682.”

(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na escada do baluarte cavaleiro).

29 “GOVERNANDO ANTONIO PEREIRA DE BERREDO ESTA FORTALESA E D. RODRIGO ESTE ESTADO DA INDIA MANDOU O PADRE ADMINISTRADOR REEDIFICAR ESTE BALUARTE QUE HAVIA MUITOS ANOS ESTAVA ARRUINADO 1709”

(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte de S. Tiago).

30 “DEPOIS DE SE ENTENDER DUAS VEZES FAZER-SE ESTE BALUARTE, SE FEZ DA TERCEIRA VEZ COM BASTANTE TRABALHO POR SE BUSCAR A ROCHA NA QUAL ESTÁ TODO O FUNDAMENTO DESTES BALUARTE S. CATARINA, E FOI FEITO NO TEMPO, QUE GOVERNAVA ESTA FORTALEZA ANTONIO DA SILVA TELLO E MENEZES EM JANEIRO DE 1712”

(Esta inscrição encontra-se no baluarte de Santa Catarina).

31 “GOVERNANDO ESTA PRAÇA DIOGO DE PINHO TEIXEIRA, E SENDO ADMINISTRADOR DELA O MUITO REVERENDO PADRE BERNARDINO JOSEPH TÕBEZANE SE FISERÃO AS ESCADAS DESTA FORTALESA, E SE DESCOBRIU A ULTIMA CAZA DELLA NO ANNO DE 1716”

(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no balcão da feitoria).

32 “ESTE BALUARTE E MURO QUE SE SEGUE MANDOU FAZER LUIZ DE MELLO PEREIRA GOVERNADOR DESTA FORTALEZA ANNO 1723.”

(Esta inscrição encontra-se sobre a porta da praia da cidade).

33 “EM O ANNO DE 1758 SENDO CASTELLÃO E GOVERNADOR DESTA FORTALESA CAETANO CORREA DE SÁ E ADMINISTRADOR O RM.º P. E JOZE JOCHIM DA ESCLARECIDA COMPANHIA DE JESUS SE REEDIFICOU ESTE BALUARTE, E SE FIZERÃO OUTRAS MUITAS OBRAS, QUE POR MODESTAI SE NÃO DECLARÃO.”

(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no baluarte de S. Teresa).

34 “ESTA CAPELLA DE SAM TIAGO FOI REEDIFICADA A FUNDAMENTOS NO ANNO DE 1777 CONCORRENDO VARIOS DEVOTOS, E N’ELLA SE DISSE A PRIMEIRA MISAS DO MESMO SANTO A 25 DE JULHO DO DITO ANNO”

(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na Capela de S. Tiago).

35 “GOVERNANDO O ESTADO DA INDIA O LLLM.º E EXM.º SNR. D. JOZE PEDRO DA CAMARA, GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL D’ELLA MANDOU FAZER ESTE ARSENAL ANNO DE 1777”

(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no Arsenal).

36 “EM ANNO DE 1777 SE PRINCIPIARAM ESTAS OBRAS E SE FINDERÃO EM 1778 GOVERNANDO ESTA PRAÇA ANTONIO DE AMARAL COUTINHO E MENEZES”.

(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, no Arsenal).

- 37** "ESTA IGREJA TEMDO SERVIDO DE GODÃO DE MANTIMENTOS ARMAZEM DE VINHO DOS INLEZES E QUARTEL DO REGIMENTO TORNOU A SER REEDIFICADA EM 1810."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na Capela de S. Tiago).
- 38** "FOI FEITO ESTE LANCE DE MURALHA DE 229 PALMOS ANNO DE 1811."
(Por fora da cortina do baluarte de S. Sebastião da parte da terra).
- 39** "ESTA IGREJA HÁ MUITOS ANNOS DANIFICADA E EM GRANDE RUINA FOI RESTAURADA POR SUBSCRIPÇÃO NO ANNO DE 1852."
(Esta inscrição encontra-se na Fortaleza de S. Tomé, na Capela de S. Tiago).
- 40** "GOVERNANDO ESTE DISTRICTO O CAPITÃO JOÃO FEYO FOL QUE FOI CONSTRUIDO ESTE EDIFICIO PARA O RECOLHIMENTO DE SANTANA E RECONSTRUIDA A CAPELA NO ANNO DE 1929"
(Esta inscrição encontra-se na parece exterior da capela de Santa Ana).

BIBLIOGRAFIA

ACHARYA, Prasanna Kumar, *Architecture of Manasara*, 3 ed., New Delhi, Low Price Publications, 1998, 793 pp., 81-7536-126-3.

ALBUQUERQUE, Luís de, *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, 178 pp., 978-972-626-113-1.

ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida, *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca*, Lisboa, Quidnovi Editora e Distribuidora, 2008, 160 pp., 978-989-628-001-7.

AZEVEDO, Carlos de, *A Arte de Goa, Damão e Diu*, Lisboa, Comissão Executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, 1970.

BAIÃO, António, *Itinerários de Índia Portugal por terra*, Coimbra Imprensa da Universidade, 1923, 309 pp.

BARROS, João de; COUTO, Diogo do, *Da Asia de Joao de Barros e de Diogo do Couto: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente*, 23 volumes, Lisboa, Régia Officina Typografica, 1777-1788.

BOCARRO, António, (1635), *O livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*, 3 volumes, casa da Moeda, Lisboa, Imprensa Nacional, 1992, 972-2704-44-3.

BOXER, Charles Ralph, *A Índia Portuguesa em Meados do Séc. XVII*, 1 ed., Lisboa, Edições 70, 1982, 88 pp., 972-44-0386-6.

BOXER, Charles Ralph, *O Império Marítimo Português – 1415-1825*, 1 ed., Lisboa, Edições 70, 1969, 414 pp., Inês Silva, 972-44-0846-9.

BURY, John (1995), *The Italian contribution to sixteenth-century Portuguese architecture, military and civil, Cultural links between Portugal and Italy in the Renaissance*, New York, Oxford University Press, 2000.

BURY, John (1979), *Francisco de Holanda: a little known source for the history of fortification in the sixteenth century*, Arquivo do Centro Cultural Português, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, nº14, 1979, pp. 163-202.

BURY, John (1994) — *Benedetto de Ravenna (c. 1485-1556). A Arquitectura Militar na Expansão Portuguesa*, Catálogo da Exposição, Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, pp. 130-134.

CARITA, Helder, *Arquitectura Indo-Portuguesa na região de Cochim e Kerala*, 1 ed., Lisboa, Transbooks.com, 2008, 320 pp., 81-89420-08-9.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, II Volumes., Porto, Lello & Irmão, 1979, 2006 pp., 9789724803081

COBOS, Fernando, CASTRO, J. J. de, "Diseño y desarrollo técnico de las fortificaciones de transición españolas", Carlos José Hernando Sánchez (coord.), *Las fortificaciones de Carlos V*, Madrid, Ministerio de Defensa, Asociación Española de Amigos de los Castillos, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, pp. 219-245, 84-95457-09-1

CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, 6 volumes, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858-1866.

CORTE - REAL, Jerónimo, *Sucesso do Segundo Cerco de Diu*, Lisboa, Edições Inapa, 1991, 106 pp., 9789729019401.

COSTA, Alexandre Alves, *Introdução ao Estudo da história da Arquitectura Portuguesa*, Porto, FAUP, Lição de Prova de Agregação na Faculdade da Universidade do Porto, 1995.

COUTINHO, Lopo de Sousa, *História do cerco de Diu*, Bibliotheca de classicos portugueses, Lisboa, Typographia do Commercio de Portugal, 1890.

DELDUQUE, Adelino, *Diu: breve notícia histórica e descritiva*, 1ed., Lisboa, J. Rodrigues & C.ª, 1928, 36 pp.

DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço do Índico*, 1 ed., Navarra, Espanha, Circulo de Leitores, 1998, 972-42-1910-0.

EARLE T. F., VILLIERS John, *Afonso de Albuquerque, O César do Oriente*, 1 ed., Porto, Fronteira do Caos, 2006, 303 pp., Maria Lucília Filipe, 989-95063-0-3.

GRANCHO, Nuno, *Diu: a ilha, a muralha, a fortaleza e as cidades*, Coimbra, 2001, 231 pp.

HALE, John R., *Renaissance War Studies - History series*, 11 volumes, Londres, The Hambledon Press, 1983, 0-907628-17-6.

LOUREIRO, João, *Postais Antigos do Estado da Índia*, 1 ed., Lisboa, Fundação Macau, 1998, 127 pp.

MARJAY, Frederic, *Índia Portuguesa – Álbum Ilustrado*, 1 ed., Lisboa, Bertrand, 1959, 86 pp.

MARTINI, Francesco di Giorgio, *Trattati di architettura ingegneria e arte militare*, 2 volumes, Milão, Edizioni il Polifilo, 1967, 8870501035.

MATOS, Artur Teodoro de, *O Tombo de Diu 1592*, 1 ed., Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, 158 pp., 972-8325-92-4.

MATOS, João M. Barros, *A Fortaleza de Mazagão - Bases para uma proposta de recuperação*, Dissertação de mestrado na universidade de Évora, 2001, 222 pp.

MORAIS, Carlos Alexandre, *Cronologia Geral da Índia Portuguesa*, 2 ed., Lisboa, Editorial estampa, 1998, 226 pp., 972-33-1319-7.

MOREIRA, Rafael, *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. Rafael Moreira, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, 336 pp.

MOREIRA, Rafael, "A Fortaleza de Diu e a Arquitectura Militar no Índico" em *Espaços de um Império – Estudos*, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, 1999, pp. 138-147.

MOREIRA, Rafael, *A Construção de Mazagão. Cartas inéditas 1541-1542*, 1 ed., Lisboa, Ippar / Soc. Agric. Valle-Flôr / Tribunal Administrativo C. Lisboa, 2001, 250 pp., Jeannine Quintin e Mehdi Zouak, 972-8087-926.

- NUNES, Leonardo, *Crónica de D. João de Castro*, dir. Luís de Albuquerque, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, 188 pp., português actual Maria da Graça Pericão, 9789726261070.
- PEREIRA, A. B. Bragança, *Os Portugueses em Diu, Separata de O Oriente Português*, Nova Goa, 1956.
- PISSARRA, José Virgílio Amaro, *Chaul e Diu, 1508 e 1509: o domínio do Índico*, 1 ed., Lisboa, Prefácio, 2002, 99 pp., 972-8563-85-X.
- ROSSA, Walter, *Cidades Indo-Portuguesas – contribuição para o estudo do urbanismo português no Hindustão Ocidental*, 1 ed., Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, 117 pp., Richard Trewinnard, 972-8325-18-5.
- SARAIVA, Cardeal, *Os portugueses em África, Ásia, América e Oceânia*, 7 volumes, Lisboa, Tipografia Borges, 1848-50.
- SOUSA, Manuel de Faria e, *Ásia Portuguesa*, 5 volumes, Porto, Civilização, 1945-1947.
- TAFURI, Manfredo, *Francesco di Giorgio architetto*, Milano, Electra, 1993, 426 pp., 9788843543984
- TEIVE, Diogo de, *Comentário da gesta portuguesa no cerco à fortaleza da cidade de Diu na Índia*, Braga, APPACDM de Braga, 2002, 202 pp., 972-8699-07-7.
- TELES, Ricardo Michael, *Epigrafia de Diu, O Oriente Português*, n.ºs 7-9, Bastorá, 1935, pp. 8-70.
- TOMÁS, Luís Filipe, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994, 778 pp., 972-29-0308-X.

ENTIDADES E BIBLIOTECAS CONSULTADAS

Arquivo Histórico Ultramarino

Biblioteca da Academia de Ciências

Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Coimbra

Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Biblioteca Nacional Digital

Biblioteca Nacional de Lisboa

Biblioteca Pública de Évora

Biblioteca da Universidade de Évora

Centro de Documentação e Informação do Instituto de Investigação Científica e Tropical

Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar

Instituto Português de Cartografia e Cadastro

Sociedade de Geografia de Lisboa

Versão rectificada após defesa pública

MESA DE JÚRIS COMPOSTA PELOS PROFESSORES ARQUITECTOS:

Helder Alexandre Carita Silvestre

João Carlos Gromicho Bila e Nasi Pereira

Altino João Serra de Magalhães Rocha

João Manuel Barros de Matos